

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
CURSO DE MESTRADO ACADEMICO
EM SOCIOBIODIVERSIDADE E TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS**

MARCOS ANTÔNIO DA SILVA

**QUILOMBO E SUSTENTABILIDADE - UMA ANÁLISE DA PRESERVAÇÃO DA
SOCIOBIODIVERSIDADE NA SERRA DO EVARISTO EM BATURITÉ-CEARÁ**

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2017



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
CURSO DE MESTRADO ACADEMICO
EM SOCIOBIODIVERSIDADE E TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS**

MARCOS ANTÔNIO DA SILVA

**QUILOMBO E SUSTENTABILIDADE - UMA ANÁLISE DA PRESERVAÇÃO DA
SOCIOBIODIVERSIDADE NA SERRA DO EVARISTO EM BATURITÉ-CEARÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito de avaliação para o grau de Mestre. Orientador: Prof. Dr. Luís Tomas Domingos.

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

S578q Silva, Marcos Antônio da.

Quilombo e sustentabilidade - Uma análise da preservação da sociobiodiversidade na Serra do Evaristo em Baturité-Ceará. / Marcos Antônio da Silva. – Redenção: Unilab, 2017. 85 p.

Dissertação - Curso de Sociobiodiversidade Tecnologias Sustentáveis, Mest. Sociobiodiversidade e Tec. Sustent., Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira, Redenção, 2017.

1. Saúde Mental. 2. Cárcere. 3. Saúde. I. Título.

CDD 150.195

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2017

MARCOS ANTÔNIO DA SILVA

**QUILOMBO E SUSTENTABILIDADE - UMA ANÁLISE DA PRESERVAÇÃO DA
SOCIOBIODIVERSIDADE NA SERRA DO EVARISTO EM BATURITÉ-CEARÁ**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos/UNILAB
Orientador

Prof.^a Dr.^a Isabelle Braz Peixoto da Silva/UFC
Membro Externo

Prof. Dr. Robson Rogério Cruz/UNILAB
Membro Externo

Prof.^a Dr.^a . Maria do Socorro Moura Rufino/UNILAB
Membro Interno

ACARAPE, CEARÁ, BRASIL

2017

*Dedico às populações negras refugiadas
das guerras que assolam o mundo na
contemporaneidade...*

À minha família...

Aos meus amigos...

Aos professores...

À vida...

AGRADECIMENTOS

Agradeço unicamente à luz que vivifica, une e permanece acesa mesmo quando encoberta. Neste momento de gratidão lembro, e faço minhas as palavras do desconhecido que, como eu, crê em expressões luminosas:

Acredito no SOL, mesmo quando ele não está brilhando.

Acredito no AMOR, mesmo quando não o sinto.

Acredito em DEUS, mesmo quando ele está pregado. (Texto encontrado na parede de um porão após a 2ª Guerra Mundial).

Agradeço:

Ao professor orientador Dr. Luís Tomás Domingos

Aos professores do Curso de Mestrado MASTS da UNILAB

À Banca Examinadora.

Aos meus professores do curso, pela orientação acadêmica prestada com muito compromisso e dedicação.

Um agradecimento especial à minha família pela paciência que todos tiveram e têm comigo.

Aos meus amigos: Valmício, Aurineide, Mônica, Nonato e Ritinha pela contribuição.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para mais esta conquista.

*Não é à toa que entendo os que buscam caminhos. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é o outro, os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada. (Em **Busca do Outro-Clarice Lispector, 1968**).*

“Há sementes por toda parte. Não só no chão, mas nos telhados das casas, no parapeito das janelas, nas calçadas das ruas, nas cercas e nos muros. Milhares de sementes que não servem para nada. Estão ali esperando que um vento as carregue para um jardim ou para um campo. Muitas vezes elas morrem entre duas pedras, sem ter podido transformar-se em flor. Mas, se um polegar verde encosta-se a uma, esteja onde estiver a flor brota no mesmo instante, como nossas vidas brotam a cada nova conquista...” (Druon, 1998, p.3).

RESUMO

A dissertação intitulada **Quilombo e Sustentabilidade** - uma análise da preservação da sociobiodiversidade na Serra do Evaristo em Baturité-Ceará teve como proposta desenvolver uma análise da preservação da sociobiodiversidade da única comunidade quilombola existente na região do maciço de Baturité. **Objetivo:** este estudo teve como objetivo nortear um conjunto de diretrizes que poderão viabilizar projetos sociais no futuro e contribuir para o fortalecimento de uma rotina de preservação e conservação do quilombo. **Metodologia:** a caracterização das condições da sociobiodiversidade da comunidade foi obtida por meio de entrevista estruturada com a utilização do questionário do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), aplicado com os moradores da localidade. Em consonância com esta abordagem, a pesquisa desenvolvida se caracteriza como de cunho qualitativa e quantitativa, exploratória, descritiva, realizada através de pesquisa bibliográfica e de campo, tendo a preocupação de compreender o universo de sentido, significado, representações, valores e comportamentos, não podendo ser reduzida à operacionalização de variáveis. Desta forma, a pesquisa bibliográfica buscou dialogar com autores que trabalham a temática, e a pesquisa de campo permitiu captar o significado, o discurso e a representação presentes nos depoimentos dos moradores do quilombo. Para investigar tal problemática social tornou-se válido buscar as redes de relações e significados que incidem sobre o objeto em questão, tendo como ponto de partida a história social dos problemas, dos objetivos e dos conceitos, como condição para escapar das armadilhas dos objetos pré-construídos. Isso nos forneceu condições para uma melhor avaliação da sustentabilidade de sua biodiversidade cultural e social a partir da análise dos questionários aplicados aos moradores internos. **Resultados mais importantes:** ficou evidenciado ao final da pesquisa que grande parte dos moradores apresentam dificuldades de se sustentar no quilombo em virtude da ausência de tecnologias sustentáveis na agricultura e em seu cultivo e da grande especulação imobiliária que causa desmatamento e danos ao meio ambiente do quilombo. Além da ausência de políticas sociais que possam ofertar serviços e geração de emprego e renda, forçando os moradores a saírem do quilombo em busca de oportunidades de vida. Espera-se, desta forma, continuar contribuindo com a discussão da problemática no meio acadêmico, já que ainda são poucos os trabalhos que abordam esta temática. Destaca-se a importância de serem desenvolvidos trabalhos abordando o objeto de estudo, ora mostrado, para o “florescimento” de futuras soluções.

Palavras-chave: Quilombo. Sustentabilidade e Meio Ambiente.

ABSTRACT

The dissertation titled Quilomb and Sustainability - an analysis of the preservation of socio-biodiversity in the Serra do Evaristo in Baturité-Ceará had as a proposal to develop an analysis of the preservation of the socio-biodiversity of the only quilombola community in the region of Baturité massif. **Objective:** This study aimed to guide a set of guidelines that could make feasible social projects in the future and contribute to the strengthening of a quilombo preservation and conservation routine. **Methodology:** the characterization of community socio-biodiversity conditions was obtained through a structured interview using the questionnaire of the single social assistance system, applied with the residents of the locality. In accordance with this approach, the research developed is characterized as qualitative, exploratory, descriptive, carried out through bibliographical and field research, with the concern of understanding the universe of meaning, meaning, representations, values and behaviors, and can not be Reduced to the operationalization of variables. In this way, the bibliographic research sought to dialogue with authors who work on the subject, and the field research allowed to capture the meaning, discourse and representation present in the testimonies of quilombo residents. In order to investigate this social problematic, it became valid to seek the networks of relations and meanings that affect the object in question, starting with the social history of problems, objectives and concepts, as a condition for escaping the traps of pre-existing objects -constructed. This provided us with conditions for a better evaluation of the sustainability of its cultural and social biodiversity from the analysis of the questionnaires applied to the internal residents. **More important results:** it was evidenced at the end of the research that a large part of the inhabitants present difficulties to support themselves in the quilombo due to the absence of sustainable technologies in agriculture and their cultivation and the great real estate speculation that causes deforestation and damage to the environment. In addition to the absence of social policies that can offer services and generation of jobs and income, forcing the residents to leave the quilombo. It is hoped, therefore, to continue contributing to the discussion of the problem in the academic environment, since there are still few studies that approach this theme. It is important to develop studies addressing the object of study shown for the "flowering" of future solutions.

Keywords: Quilombo. Sustainability and the Environment.

LISTAGEM DE TERMOS TÉCNICOS E ABREVIATURA UTILIZADOS NA PESQUISA

IBAMA Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

SEMACE Superintendência Estadual do Meio Ambiente

APA: Área de Proteção Ambiental

GABA: Ácido Gama Amino Butílico.

Helioterapia: tratamento das doenças pela luz do Sol.

Monília: fungos que provocam doenças.

Doença funcional: moléstia sem lesão orgânica.

Espru: doença crônica causada pela carência de vitamina.

Xerasia: secura exagerada dos cabelos.

Ptilose: queda dos cílios.

AVIFAUNA: Conjunto das aves de uma região; a fauna ornitológica regional.

AQUÍFERO: Corpo rochoso, parte constituinte do subsolo, com propriedades tais que lhe confere boa armazenabilidade e transmissividade de água em seus interstícios e descontinuidades.

ANTRÓPICO: Relativo à humanidade, à sociedade humana, à ação do homem. Termo de criação recente, empregado por alguns autores para qualificar um dos setores do meio ambiente, o meio antrópico, compreendendo os fatores sociais, econômicos e culturais.

ALUVIONAR: Relativo a aluvião - Depósito sedimentar, formado por materiais em geral grosseiros, mal rolados, e mais ou menos soltos, transportados por águas correntes (rios, igarapés, etc.).

ABUNDÂNCIA: Número de indivíduos de uma espécie vegetal por unidade de área.

BACIA ou MICROBACIA (Hidrográfica): Conjunto das terras drenadas por um curso d'água e por seus afluentes.

ABORDA-Associação Brasileira de Redutores de Danos

BDZs-Benzodiazepínicos

BCG-BACILO DE CALMETTE E GUERIN

BAUXITA: Rocha residual laterítica muito aluminosa, geralmente concrecionada, congregando uma mistura de óxidos e hidróxidos de Al e Fe. Forma-se em áreas de

processo de aplainamento, bem drenadas, em clima úmido, sobre rochas aluminosas. Quando com teores de Al mais elevados, a bauxita é o minério de alumínio por excelência.

BIODIVERSIDADE: É um termo abrangente para designar a variedade natural, incluindo o número e a frequência de ecossistemas, espécies e genes de uma determinada região. Usualmente, a biodiversidade é expressa em três níveis: (i) diversidade (variabilidade) genética, (ii) diversidade de espécies e (iii) diversidade de ecossistemas. A variabilidade genética é constituída pela soma total de informação genética contida nos genes de indivíduos de plantas, animais e microorganismos. A diversidade de espécies refere-se aos organismos vivos. A diversidade de ecossistemas refere-se aos habitats, as comunidades bióticas e aos processos ecológicos na biosfera, assim como a enorme diversidade dentro dos ecossistemas em termos de diferenças de habitats e dos processos ecológicos.

BIOGEOGRÁFICO: Estudo multidisciplinar, centrado numa perspectiva ecológica, que analisa a distribuição espacial, atual e passada, de plantas e animais levando em consideração fatores históricocasuais.

CPP-Código de Processo Penal.

CPB-Código Penal Brasileiro

DOSEL: Estrato superior da floresta, formado pelas copas das árvores.

DMPS-Departamento de Medicina Preventiva e Social

DP-Departamento de Polícia

DENDRÍTICO: Referente ao padrão de desenvolvimento uma determinada rede de drenagem, na qual um curso principal, bem definido, recebe seus afluentes, formando um desenho ramificado em direção à nascente.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LSD-Dietilamida do Ácido Lisérgico

MDMA-3,4-Methilenedióxido-N-Metanfetamina

ONG-Organização Não Governamental

TCLE-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUAS-Sistema Único de Assistência Social

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - DISTRIBUIÇÃO DE DOENÇAS CRÔNICAS QUE PODEM ESTAR RELACIONADAS AO PROCESSO DE DESMATAMENTO DAS ÁREAS VERDES DO QUILOMBO DE BATURITÉ PELO TOTAL DE ACOMPANHAMENTOS REALIZADOS POR ANO PELO ESF ANO 2015/2016.....	40
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - RELAÇÃO DE QUILOMBOLAS QUE CONTRAÍRAM DOENÇAS EM VIRTUDE DO PROCESSO DE DESMATAMENTO DO QUILOMBO EM SEU ENTORNO.....	44
GRÁFICO 2 - RELAÇÃO DE MORADORES QUE CONTRAÍRAM DOENÇAS RESPIRATÓRIAS DO PRIMEIRO AO TERCEIRO ANO DE VIDA COM BASE NO ACOMPANHEMTO DA ESF.....	48
GRÁFICO 3 - RELAÇÃO DE MORADORES QUE CONTRAÍRAM DOENÇAS NA COMUNIDADE DEPOIS DO USO DE PESTICIDADAS E QUEIMADAS.....	50
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO POR TIPOS DE DOENÇAS ENCONTRADA NA CAMUNIDADE QUILOMBOLA RELACIONADAS AO DESCONTROLE AMBIENTAL.....	51
GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DE ÁREAS DEVASTADAS.....	52
GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE DESMATAMENTO ENCONTRADOS NA SERRA DO EVARISTO	54
GRÁFICO 7 – PERCENTUAL DE DESMATAMENTO DO ACESSO A COMUNIDADE QUILOMBOLA.....	55
GRÁFICO 8 - USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE.....	56
GRÁFICO 9 - EXTINÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES.....	58
GRÁFICO 10 - DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DA COMUNIDADE.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
Capítulo I – Quilombo, Definição, História e Desafios.....	08
1.1 QUILOMBOS, UM RESGATE SÓCIO-HISTÓRICO NO BRASIL E CEARÁ.....	09
1.2 QUILOMBO NO MACIÇO DE BATURITÉ.....	12
1.3 AS FACES DO QUILOMBO DO EVARISTO.....	18
1.4 A DIVERSIDADE FUNDIÁRIA NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM O QUILOMBO.....	20
1.5 OS REGIMES DE PROPRIEDADE COMUM	23
1.6 REPENSANDO O CONCEITO DOS POVOS TRADICIONAIS.....	24
Capítulo II – Teorias e Indicadores do Processo de Desmatamento da Biodiversidade da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo.....	26
2.1 O COTIDIANO DO QUILOMBO E A BIODIVERSIDADE: OLHANDO E DISCUTINDO.....	26
2.2 COMUNIDADES QUILOMBOLAS E O MEIO AMBIENTE.....	32
2.3 MEDIDAS GOVERNAMENTAIS E A SUSTENTABILIDADE DO QUILOMBO DE BATURITÉ.....	34
2.4 DA ABORDAGEM NORMATIVA NA PROTEÇÃO AMBIENTAL DO ENTORNO DO QUILOMBO DE BATURITÉ.....	36
Capítulo III – Os Caminhos da Pesquisa e as Consequencias do Desmatamento ao Quilombo.....	40
3.1 DESMATAMENTO DA BIODIVERSIDADE, SUSTENTABILIDADE DO QUILOMBO, ANALISANDO AS CAUSAS.....	41
3.2 FONTES DE DADOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA SERRA DO EVARISTO: SUSTENTABILIDADE, ESPAÇO, CONTRADIÇÕES E DEPOIMENTOS.....	41
3.3 QUILOMBO: QUE CAMINHOS TOMAR ?.....	60
Capítulo IV - Consirações Finais.....	66
Referências.....	69
Apêndices.....	
APÊNDICE 01 QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS.....	
APÊNDICE 03 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE.....	
APÊNDICE 04 FICHA DATILOSCÓPICA.....	

APÊNDICE 05 DECLARAÇÃO DE ONUS.....

APÊNDICE 06.....

Anexos.....

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento desta pesquisa se deu em virtude da ampla discussão, entre as autoridades do meio ambiente, segurança pública e sociedade civil do município de Baturité, sobre o aumento do desmatamento, evasão populacional, uso incorreto da fauna e da flora da comunidade quilombola da Serra do Evaristo em Baturité.

Investiga-se de que forma o quilombo vem tecendo sua sobrevivência em meio a especulação imobiliária de suas áreas verdes e agrícolas. A ausência de políticas públicas voltadas para o apoio a essa população e a ausência de programas e projetos sociais nas mais diversas áreas, está contribuindo para evasão populacional e desmatamento de sua biodiversidade.

Este estudo foi planejado a partir de informações obtidas na própria comunidade do Evaristo reconhecida em 2010, como Quilombola, depois de muitos anos de luta de seus moradores. Para isso, utilizou-se os arquivos do Museu do Quilombo e da Associação Comunitária do Evaristo, dados dos atendimentos das equipes da ESF (Estratégia de Saúde da Família), acervo de documentos encontrados no arquivo municipal da prefeitura de Baturité, entre outros como o banco de dados do cadastro único de Baturité na Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social.

A caracterização das condições do meio ambiente e de saúde do quilombo foi obtida por meio de entrevista estruturada com a utilização do questionário do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), por ser um instrumento de pesquisa moderno e funcional, multidimensional, desenvolvido para a identificação das vulnerabilidades sociais e de saúde, além dos vários tipos de violação de direitos descritos na Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Na abordagem foi utilizada a pesquisa exploratória descritiva e explicativa. O estudo foi realizado no período de julho de 2016 a abril de 2017.

Os dados do Questionário SUAS, aplicado aos moradores do quilombo, foram analisados em relação ao processo de desmatamento e evasão populacional do

quilombo. Isso possibilitou as condições de se conhecer significados, motivos e existência dos desmatamentos e análise das condições da biodiversidade. Isso fez compreender os fatores sociais da evasão e crise existencial da comunidade.

A amostra foi aleatória simples, na qual todos os moradores enquadrados na caracterização do estudo, tiveram a mesma probabilidade de serem selecionados. Utilizamos uma amostra de 100 moradores. Considera-se Erro Amostral de 5% e o nível de confiança de 95%. Priorizaram-se para fazer parte da amostra os moradores com residência fixa na comunidade, agricultores, mateiros e donos de pequenas propriedades, aqueles que já tinham adoecido no último ano, trabalhado em queimadas, os moradores mais antigos, profissionais da saúde que atuam no quilombo, educação e assistência social que atendem na comunidade.

Com esse método teve-se condições de realizar uma descrição objetiva, sistemática, quantitativa e qualitativa do conteúdo manifesto das entrevistas realizado no quilombo. Esta é a forma que melhor atendeu à investigação qualitativa e quantitativa do material referente a sociobiodiversidade do quilombo, uma vez que a noção do tema se refere a uma afirmação a respeito de determinado assunto. A análise dividiu-se em três etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré - análise, fase de organização, teve como objetivo operacionalizar e sistematizar as idéias iniciais de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento da pesquisa. Separaram-se todos os dados relevantes que deveriam ser analisados nesse estudo.

Na exploração do material, teve-se condição de fazer a análise do texto sistematicamente em função das categorias formadas anteriormente. Isso aproximou a pesquisa do objeto, pois as informações colhidas no questionário SUAS fortaleceu a certeza das informações.

No tratamento dos resultados, inferência e interpretação, chegou-se aos resultados brutos, ou seja, às categorias que foram utilizadas como unidades de análise submetidas a operações estatísticas simples ou complexas dependendo do

caso. Dessa maneira foi possível ressaltar as informações obtidas de forma clara e precisa para a realização da amostragem nos gráficos.

Dada a qualidade da pesquisa de campo, que incluiu a observação participante durante as visitas e reuniões na comunidade, ficou assegurada a confiabilidade das informações. Além disso, o banco de dados passou por minucioso trabalho de revisão e consistência dos dados.

Assim, para os propósitos deste estudo consideraram-se os seguintes critérios de inclusão: ter idade igual a/ou maior de 18 anos, residir na comunidade quilombola da Serra do Evaristo há mais de 20 anos, ter condições de responder à entrevista sem ajuda de uma segunda pessoa, ter adoecido de alguma patologia nos últimos 12 meses, possivelmente relacionado ao desmatamento. Todavia, adotaram-se como critérios de exclusão os moradores que tinham pouco tempo de moradia no quilombo, menos de 1 ano oriundo de outras comunidades, pois estes teriam poucas informações para o nosso objeto em estudo.

Entre suas principais seções tem-se: no primeiro capítulo, começamos definindo quilombo dentro de uma visão macro e local. Descrevemos o processo sócio histórico do quilombo a nível de Brasil, Ceará e maciço de Baturité. Abordamos a história que norteia a comunidade Quilombola da Serra do Evaristo e de seus desafios, no que diz respeito ao uso correto do meio ambiente. Ainda no primeiro capítulo discutimos alguns pontos sobre a diversidade fundiária e sua relação com o quilombo e o conceito de povos tradicionais. Abordamos o problema, os objetivos e as justificativas a partir da descrição do cotidiano da comunidade e amostragem do agravamento da problemática em seu entorno.

No segundo capítulo, intitulado marco teórico, apresentam-se os antecedentes do tema e os parâmetros epistemológicos das teorias e indicadores do processo de desmatamento da biodiversidade da comunidade. Realizamos uma análise da relação das comunidades quilombolas com o meio ambiente dentro da visão de vários autores, as medidas governamentais no que diz respeito a sustentabilidade, uma

abordagem normativa sobre a proteção ambiental no cotidiano da comunidade e dos vários desequilíbrios do meio, a partir da análise exploratória explicativa da amostra.

No terceiro capítulo, tem-se o marco metodológico. Apresenta-se a pesquisa como qualitativa e quantitativa. Descreve-se a caracterização do desmatamento da biodiversidade, sustentabilidade, realizando uma análise das causas. Para isso apresentamos os aspectos bioecológicos e sociobioeconômico por meio de gráficos e tabelas, procurando correlacionar os principais fatores que ameaçam a sobrevivência do quilombo e de sua biodiversidade no espaço e conforme as peculiaridades individuais dos participantes da amostra.

No quarto capítulo apresentamos as recomendações que serviram para nortear um conjunto de diretrizes a nível municipal e estadual do futuro do quilombo de Baturité.

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe com consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que, por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa que apresentem risco em tipos e gradações variados. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, mais devem ser os cuidados para minimizá-los. Não foram descartadas as possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo, durante toda a permanência na comunidade em estudo. (RESOLUÇÃO 466/2012).

Para isso, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de forma que os participantes do estudo tiveram sua dignidade e autonomia reconhecidas, como prescreve o item II a, da Resolução 466/12. Isso assegurou a sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida. As questões formuladas no questionário foram claras, por terem sido pensadas para populações vulneráveis. Isso facilitou a sua aplicação.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa/ Plataforma Brasil, com o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética CAAE 65413717.0.0000.5576 e Número do Comprovante: 018014/2017. *A presente Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, visando assegurar os direitos e deveres dos participantes da pesquisa, da comunidade científica e do Estado (Resolução 466/2012).*

Portanto, o benefício da pesquisa foi contribuir com informações gerais sobre as condições da biodiversidade e sobrevivência do quilombo. Além disso, leva-se a discussão do tema para o meio acadêmico e para os poderes legislativos, executivo e judiciário, com o propósito de contribuir mesmo que modestamente com projetos e ações para o desenvolvimento das políticas públicas das comunidades quilombolas em nosso Estado e região.

1.1 QUILOMBOS, UM RESGATE SÓCIO-HISTÓRICO NO BRASIL E CEARÁ

No início de nossa pesquisa sentimos a necessidade de compreender e definir a expressão quilombo. Em virtude dos vários conceitos encontrados e da visão de vários autores sobre o tema, vamos definir de acordo com FIABANE que assim o define: “quilombo como aldeias que refugiavam os escravos oriundos das fazendas e casas de família, e é um termo de origem “angola”.

A história relata que os escravos iam para os quilombos para não serem encontrados, pois onde eles viviam eram sempre explorados e sofriam maus tratos. Segundo, FIABANE:

Por mais de 3 séculos, o Brasil foi um país profundamente escravista. Durante essa época, a construção da nação aconteceu sobretudo assentada no esforço do trabalhador escravizado. Esse período significativo da história brasileira continua sendo objeto de investigações de antropólogos, economistas, historiadores e sociólogos interessados em desvendar as articulações que sustentaram a ordem escravista por mais de 300 anos e as formas utilizadas para se refugiarem das fazendas. (FIABANI, 2005, p;15).

Os quilombos eram aldeias que ficavam escondidas nas matas, em lugares preferencialmente inacessíveis, como o alto das montanhas e grutas, e era onde então os escravos se reuniam e conseguiam levar uma vida livre. *As pequenas aldeias eram também chamadas mocambos, e tanto eles como os quilombos duraram todo o período da escravidão no Brasil.* (FUNARI, 2005, P; 31).

O termo quilombo, originalmente era utilizado apenas para chamar um local utilizado por populações nômades, ou então pequenos acampamentos de comerciantes, e com o início da escravidão, os escravos adotaram o termo para o lugar que eles fugiam, e foi no Brasil que o termo ganhou o sentido que tem atualmente.

Muitos estudiosos do assunto na atualidade concordam que o termo quilombo obrigou os pesquisadores a desenvolver uma reflexão mais profunda sobre o conceito de quilombo, pois a definição clássica, impregnada no senso comum e aceita pela própria ciência, não reflete as diferentes situações de resistência e de ocupação de terras pelos escravizados, bem como não abarca a situação social e cultural do grupo na atualidade (CARNEIRO 1988, p. 5)

Um dos quilombos mais famosos foi o Quilombo dos Palmares, que ficava na então capitania de Pernambuco, atualmente o estado brasileiro de Alagoas. Esse quilombo recebeu esse nome pois um escravo chamado Zumbi foi o grande líder da aldeia, pois só tinham valor se estivessem vivos e fossem comercializados. Viviam em condições a tal ponto degradante que levavam uma parte deles a morte ou doenças oportunas.

Esses homens negros também eram submetidos a trabalhos forçados duro e muita violência. Podemos classificar uma comunidade como escravista quando o trabalhador escravizado é considerado uma mercadoria; quando seu proprietário pode decidir onde, como e quando empregar seu trabalho; quando, ao menos em teoria, a totalidade do produto do trabalho do cativo pertence ao amo e, finalmente, quando o status servil é vitalício e hereditário. (FIABANI, 2005, p;16).

No Brasil, os quilombos surgiram entre os séculos XVI e XIX, eram onde os escravos se refugiavam em busca de uma nova forma de vida, fugiam de seus senhores e procuravam os quilombos para se esconder dos capitães do mato e outras pessoas que tivessem interesse em capturá-los novamente.

A escravidão fez parte do cotidiano da humanidade muito antes de ser implantada na América. Acredita-se que tenha surgido há 5 mil anos. Na Mesopotâmia e no Egito, o homem apropriou-se de seu semelhante para que produzisse acima de suas necessidades vitais, e, assim, fornecesse um excedente para seus dominadores. Entretanto, não podemos definir essas formações sociais como escravistas, porque o trabalho não foi sobretudo tarefa dos cativos, existindo formas de produção não escravista dominantes. (FIABANI, 2005, p;16).

Seríamos então uma comunidade escravista? E hoje a escravidão ainda acontece em nosso país? Questionamentos que este estudo não tem a intenção de responder, mas sabemos que ainda percorrem os corredores das academias em nosso Brasil em virtude das diversas formas de produção exploratórias ainda existentes entre as populações negras.

Porém, uma sociedade pode ser definida como escravista apenas quando a produção escrava submete as outras formas de produção e a própria formação social a sua dinâmica. Excluem-se da ordem escravista as comunidades que se apossavam de indivíduos que passavam a ter direitos e deveres nas sociedades hospedeiras.(FIABANI, 2005, p;17).

A ordem escravista massacrava essas populações das mais diversas formas e estilos. Consigo compreender que a escravidão e a existência dos quilombos, além de base econômica da colonização brasileira, foi também o fundamento de todas as esferas da vida social e política do Brasil.

O escravismo imprime a desigualdade e a excludência como regras básicas do convívio social. *A sociedade escravocrata estabelece o império da violência, o trabalho compulsório prescinde da hegemonia, pois se realiza diretamente pela força.* (CARNEIRO 1998, P. 68).

O escravismo antigo formou-se lentamente, por um processo espontâneo, levando alguns historiadores a considerarem-no como natural. Diferente do "escravismo colonial da Era Moderna que irrompeu bruscamente, resultante de atos deliberados e planejados, que dão ao seu processo de formação uma aparência anormal na evolução histórica. Foi na Grécia, mais precisamente em Atenas, que o trabalho escravizado atingiu proporções ensejando sociedade claramente escravista. (MORAES, 2005, P. 69).

No caso do Ceará, o trabalho de demarcação de territórios quilombolas desenvolvidos pelo INCRA tem revelado alguns conflitos agrários adormecidos ao longo do tempo, como são os casos das comunidades quilombolas de Queimadas, em Crateús, e de Três Irmãos, em Croatá.

Em ambos os casos temos comunidades quilombolas que se auto definiram como tal e que já são certificadas pela Fundação Cultural Palmares como comunidades remanescentes de quilombos, o que significa que já têm sua identidade étnico-racial reconhecida pelo Governo Federal.

Porém, a partir do momento em que essas comunidades requereram do INCRA a identificação e demarcação de suas terras de ocupação tradicional, em cumprimento ao Decreto nº 4.887, de 2003, os conflitos agrários adormecidos vieram à tona.

O marco legal relativo a essas comunidades se estabeleceu na Constituição Federal de 1988, no Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. A presencialidade legalmente instituída levou a Fundação Cultural Palmares, em 1994, a formular um novo conceito para os quilombos, que passaram a ser vistos como “toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo de uma cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado” (MOURA, p 15, 1996).

Durante a segunda metade do século XIX, as relações sociais brasileiras foram profundamente transformadas em virtude de mudanças ocorridas nos campos políticos, sociais e na forma de ver e entender a nova realidade que estava se constituindo no Brasil. Foi um período de intensa modificação política, sobretudo na forma de governo implantada, a República, que se confirmou pela promulgação de novas práticas constituintes.

No plano econômico, teve início a substituição do trabalho escravo pelo assalariado a partir de 1888, ano da abolição no Brasil, fato que redimensionou as relações de trabalho. Também, nesse momento, é percebido o adensamento do processo de modernização do país, englobando, inclusive, as fazendas de café e outras lavouras brasileiras (MOURA, p 20, 1996).

Aspecto esse percebido na comunidade quilombola da Serra do Evaristo no maciço de Baturité que durante anos foi reconhecida no Brasil e Estado do Ceará por sua vasta produção de café.

As províncias do Nordeste, no entanto, não participaram desse movimento industrializador, ocorrido no final do século XIX, com a mesma intensidade que o Sul do Brasil. O Ceará, mais especificamente, com um histórico de calamidades de origem climática – as secas e seus efeitos – apresentou poucos desenvolvimentos no que diz respeito a um processo de industrialização técnica e crescimento econômico acelerado. Sua economia, entretanto, baseada na cultura agrícola e criação de animais, permitiu alcançar certa estabilidade em termos econômicos, mantendo um desenvolvimento razoável diante das demais províncias brasileiras. (MOURA, p 55, 1996).

1.2 QUILOMBOS, UM RESGATE SÓCIO-HISTÓRICO NO MACIÇO DE BATURITÉ

A comunidade da Serra do Evaristo, segundo dados do IBGE 2010, está localizada há 06 quilômetros da sede do Município de Baturité no Estado do Ceará, localizado a cerca de 85 km da capital Fortaleza. As Primeiras Famílias, segundo a moradora M.N.S, são os Castros “Bentos”, “Soares”, “Venâncios”, “Juliões” e os “Leandros”.

As condições geográficas da Serra do Evaristo em relação ao município de Baturité e os demais municípios do Estado do Ceará é bem diferente em termos climáticos, com temperaturas bem mais baixas que a estabelecida em Baturité. Muitos moradores do quilombo afirmam que as terras de todas as famílias são herança familiar, o que aumenta a hipótese de que sejam remanescentes de culturas negras nascidas em formato de Quilombos. Perde-se no tempo como as cinco principais famílias chegaram ao Evaristo.

Quando falamos de religião na Serra do Evaristo muitos irão abordar a relação da cultura indígena e africana, pelo menos nos últimos 100 anos. O morador M.J.C afirma que antes de existirem igrejas, a comunidade se reunia nas casas dos moradores, isso até a criação de um salão da comunidade, que mais tarde tornou-se

a atual capela. Já os padres, só subiam a serra (isso em cavalos ou jumento) para realizar “bênção final” de pessoas moribundas.

A educação da comunidade era desenvolvida no pequeno grupo escolar pelos mais velhos que repassavam suas experiências ao mais novos. Somente no século XX década de 40 a comunidade passou a ser inserida na educação municipal. Hoje a escola da comunidade procura abordar em seus estudos a educação ambiental de forma modesta.

Em 1999, a educação ambiental tornou-se Lei N° 9.795 – Lei da Educação Ambiental, onde em seu Art. 2° afirma: A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. (MARQUES, 2010 p. 100).

Todavia, sabemos que os estudos sobre educação ambiental nas escolas públicas ainda se apresentam de forma bastante limitada.

A educação ambiental deve se constituir em uma ação educativa permanente por intermédio da qual a comunidade têm a tomada de consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, e dos problemas derivados e das ditas relações e suas causas profundas. Este processo deve ser desenvolvido por meio de práticas que possibilitem comportamentos direcionados a transformação superadora da realidade atual, nas searas sociais e naturais, através de toda a rede socioassistencial e educacional. (MARQUES, 2010 p. 100).

Muitos têm curiosidades no nome Serra do Evaristo: a explicação para o nome do lugar Serra do Evaristo, estaria ligada a um morador antigo, provavelmente um índio, segundo contavam os pais, avós e outros ancestrais de muitos moradores.

Evaristo seria uma espécie de “mártir” local, figura indígena, guerreiro de tribo ou cacique, que lutou contra a exploração vinda da aristocracia da região de Baturité, em nome da comunidade e que abrigou os primeiros negros que chegavam ao local. (Relatos do morador M. A. T).

Todo o transporte de alimento da serra para a cidade e da cidade para a serra era realizado, poucas vezes, em animais e, na maior parte das vezes, no ombro das pessoas. Para se casar, os moradores saíam em procissão a pé até Baturité. O vestido

da noiva era levado em um baú, para não ser sujo por barro. Segundo os moradores, os mortos ou doentes da Serra do Evaristo eram levados a pé pela população até Baturité, embalados em redes, transportados nos ombros dos homens da família do falecido.

A moradora (N. T), relata que homens e mulheres trabalhavam na roça, sendo que algumas dessas mulheres, todas muito pobres, vendiam seu trabalho em troca de roupa ou “moda” na linguagem dos primeiros moradores. Para se divertir, restavam pouco tempo, sendo a peteca de palha a brincadeira “oficial” ou que acessava a infância de muitos.

A pobreza dos roceiros era tamanha, que muitos faziam dos sacos de farinha roupas de trabalho no campo. Por muito tempo, plantou-se, antes da cultura predominante da banana, o algodão, a mandioca, o urucum, o milho e o feijão, nesta ordem de importância. Houve também o plantio de café, onde a comunidade acompanhou o crescimento da procura pela cultura no século XX. (relatos do agricultor mais antigo da comunidade (R. P. S).

Em Educação Ambiental, ciência e formação crítica precisam se relacionar de modo a compreendermos sob que condições o saber científico se desenvolveu e a favor do que e de quem, nos apropriando da base instrumental e reflexiva necessária para a educação, para alteração objetiva das condições de vida da população e reversão do processo de degradação e exploração das demais espécies e da natureza como um todo, rompendo com dogmas e obstáculos à liberdade humana. (MARQUES 2010 p. 106).

Em um dos piores momentos lembrados pelos anciões da Serra do Evaristo, os jovens conheceram a história da seca de 1958, a pior para a comunidade. Segundo contam, recorreram aos céus, através da dança de São Gonçalo para superar a falta de água. Práticas culturais que lutam para se manterem vivas na comunidade pelos moradores mais antigos. Segundo o morador mais velho da comunidade essa dança vem com o crescimento da comunidade no início do século XX.

Até o Governo Federal, em sua ação contra as secas no Nordeste, em 1958, na vizinhança do Evaristo, a chamada Oiticica (terra plana), trouxe aviões para abastecer as comunidades vítimas da seca. Era o chamado “Campo de Aviação”,

política do governo que acompanhou a construção da Estrada de Ferro de Baturité, segundo as vozes dos mais velhos.

O açude da Oiticica, importantíssimo e oportunizado após a citada escassez de água, foi construído manualmente pelas comunidades adjacentes, pelos braços de homens e mulheres também do Evaristo. Esse açude atualmente diminuiu seu lençol de águas em quase 50%. Fato esse também encontrado em outros lençóis de água da serra de Baturité. (Arquivo do museu de Baturité, lote 3 pág. 456).

A Dança de São Gonçalo, recorrentemente lembrada pelos novos e velhos, foi trazido ou mantido pela família dos Juliões. Sempre foi lembrado em períodos escassos de água em fontes naturais e artificiais. Como contam muitos dos moradores, a história da dança de São Gonçalo teria surgido numa oportunidade de falta de água, onde o santo, ao som de rabeca ao redor de um poço, colocou moças para dançarem.

Desde então, a dança é repetida ao som de instrumentos musicais populares como rabeca e sanfona e dançada por mulheres, é o santo que recebe mais promessas na comunidade, com pedidos voltados para todo tipo de graça. Mesmo com todas as dificuldades em manter viva a cultura local do quilombo seus conhecimentos culturais tentam se manter vivos no contexto contemporâneo.

Segundo a entrevistada M.F.H as chamadas “mulheres perdidas” Teriam tido um encontro com um homem, que seria o São Gonçalo, que lhes ensinou a dança, tocando um instrumento musical e desde então retirando-as da prostituição. Para a moradora M.F, essa seria a justificativa de as mulheres serem as envolvidas principalmente na manifestação e os homens sempre na função de instrumentistas, que dão o tom do arrasta-pé sagrado.

Todavia, nas últimas décadas do século passado, passaram a ocorrer vários derretido (deslizamento de terra), que obrigou muitas famílias a mudarem de lugar na comunidade, causando a perda de muitos espaços de plantação. É muito interessante o registro da tradição antiga de respeito a moral local de casar as moças após estas serem pedidas em casamento às famílias pelos noivos. Manifestações que a maior

parte dos idosos lembram atrelados ao fato de haver um protecionismo vinculado à comunidade.

Ficou evidenciado nesta pesquisa para nós que os pais e mais velhos indicavam que filhas e filhos deveriam procurar casamento junto a pessoas da comunidade, preferencialmente, um traço que revela que o Evaristo contém traços quilombolas, um aspecto muito valorizado entre os remanescentes de quilombo, em períodos de afirmação ou até hoje.

Os depoimentos desta pesquisa nos levam a supor que a história de ocupação negra na Serra do Evaristo tem mais de 250 anos, pois pessoas com mais de 80 anos, na maioria, revelam que pais, avós, e até bisavós foram criados e nascidos na comunidade. Essa informação nos revela que a comunidade foi ocupada no momento de transformação de negros cearenses para redutos, como os quilombos, no processo de fuga da escravidão.

O reisado também foi por muito tempo um dos elementos mais tradicionais da Serra, o mateiro R.T conhecido como Papangu, onde o mesmo fazia a encenação e procissão do reisado. Os brincantes vestiam máscaras que representavam figuras como velhos, feiticeiros, animais e demais figuras do folclore local. O destaque era que estes protagonistas com o disfarce brincavam com as pessoas da comunidade, e a magia ficava em torno da não descoberta de quem protagonizava as peças feitas com os demais. (Arquivos do Museu de Baturité).

Outro ponto relatado pelo morador R.B.S relevante foi a importância dada aos novenários comunitários. Segundo a parteira e mestra de São Gonçalo e líder do novenário em latim, era o principal representante das tradições no Evaristo. Antes dela, somente o avô do morador T. J. L, o Sr. M. S. de C. também rezava em latim. Destaque para o novenário de Nossa Senhora da Conceição, também muito cultuada na comunidade. Arquivos do Museu de Baturité.

Contrariando a afirmação de que os mais velhos seriam os depoentes dessa pesquisa, encontramos fitas gravadas há quase 15 anos, com o então morador mais antigo da Serra do Evaristo: o Sr. J. S. Seu J, como era conhecido, disse na gravação

que a Academia Virtual de História teve acesso, que o Sr. M. S. de C, o Sr. A. B. da S. e M. L. da C. são para ele os moradores mais antigos, patriarcas do Evaristo.

A diversão era o forró, ao som da gaita, da pia, da itaquara e da sanfona, em forma de quadrilha. As novenas aconteciam na casa de cada pessoa da comunidade, antes da capela e do salão comunitário existirem, sendo elas em culto a São João, Nossa Senhora da Conceição, aos santos do mês de maio, São Gonçalo, Santo Antônio e a São José. Afirmava o Sr, J. S. no arquivo em áudio: “Quando não existia igreja tinha festejo muito belo, muito mais que agora (...)”.(Museu de Baturité).

Outro aspecto de bastante relevância na comunidade são os chamados “Dramas”, espécie de encenação, cantoria, ou dança, que explorava alguma manifestação comum ou popular. Segundo eles, Belendina Jerônimo, trouxe a tradição para o Evaristo. A encenação de “Dramas” para a comunidade, muitas vezes musicadas, tornou-se, por algum tempo, um dos destaques, recorrentes entre eles, que trabalhavam aspectos da cultura camponesa, da vida domésticas de mulheres do campo e a relação com a terra. (Museu de Baturité lote 6 pág. 98).

T. S, de 89 anos, nos relatou que Osmar Marinho, então prefeito de Baturité, construiu a estrada da comunidade à mão, junto com a população. Um caso muito emblemático e de orgulho dos moradores do Evaristo, que sempre pleitearam um real acesso a comunidade. Contou-nos também que a energia chegou a comunidade só nos anos 1980.

Entre o final da década de 1980/1990 ocorreram diversos movimentos sociais que levaram a comunidade a lutar pela superação de pobreza e falta de condições de subsistência na localidade. Um destaque deste processo foi a adesão da comunidade ao levante conhecido como arrastão, uma espécie de reivindicação, que contou com grande saque aos comerciantes de Baturité em 1993, organizado pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais em Baturité.(Museu de Baturité).

Outro relevante movimento foi acampar em 1995 e 1996, em frente à Sede da Secretária do Desenvolvimento Agrário – SDA em Fortaleza, que contou com a

participação também do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e do Movimento Progressista da Igreja Católica.

Os moradores do Evaristo reivindicaram frentes de serviços, para dar condições de trabalho aos agricultores locais, junto com outras comunidades conseguiu através de Projetos de Assentamento, uma fazenda na comunidade Jardim, onde atualmente vivem dezenas de famílias assentadas.

Mas a luta não pára por aí. A comunidade do Evaristo, ainda conseguiu junto à organização social Manus Unidos (ligada à União Europeia), um recurso financeiro que possibilitou a compra da fazenda Nova Passagem, hoje fazenda Manus Kolping, que pertence a comunidade do Evaristo. E como seria as faces desse quilombo? No próximo item teremos como analisar melhor essa questão.

1.3 AS FACES DO QUILOMBO DO EVARISTO.

O cenário socioeconômico do Brasil tem apresentado um significativo desenvolvimento de mudanças no âmbito dos processos sociais, principalmente na nova relação entre sociedade, Estado e mercado, que coloca em debate a concentração de riquezas e a miséria, em um país de regime político democrático que vem acumulando acentuados índices de desigualdades sociais refletidos nas populações mais vulnerabilizadas.

Esta foi a primeira justificativa de construção desta dissertação: passamos a entender essas mudanças no âmbito dos processos sociais. Percebemos que a comunidade tem procurado ao longo da construção de sua história obter consciência de seu processo de desmatamento e comprometimento de suas terras e áreas verdes. Mas suas ações não refletem as reais necessidades.

O problema da pesquisa foi construído com base na realidade social do quilombo e no contexto das novas políticas de preservação do meio ambiente. Percebemos que o processo de desmatamento e devastação da comunidade, emerge como consequência desse processo de estruturação do capital, onde os indivíduos

são privados de oportunidades de acesso aos bens materiais simbólicos e têm como única saída o desmatamento de suas encostas e áreas verdes.

Para se ter uma ideia, a capacidade de subsistência do quilombo é quase nula. Muitos moradores fogem da falta de oportunidades para as periferias urbanas. Esta seria a segunda justificativa, pois entendemos nesse estudo que a evasão populacional dos jovens do quilombo está diretamente ligada a falta de oportunidades e exploração das áreas produtivas.

Nesta pesquisa se aborda também um dos maiores problemas sociais da contemporaneidade encontrado no quilombo: a escassez das águas e o desmatamento das áreas verdes da serra de Baturité. Gente que vive sufocada pela falta de oportunidades, crise da agricultura e exploração e especulação imobiliária. O resultado dessa miséria são os espetáculos dos processos de desertificação, falta de água potável. (Adorno, 1991a, p.8).

É lamentável que as autoridades estaduais e municipais não consigam medidas eficazes para impedir as agressões a biodiversidade do quilombo. Não existe, no momento, um procedimento adequado de proteção ao quilombo. Os relatórios divulgados pela SEMAC, IBGE, IBAMA se apresentam como um dos principais documentos que descrevem a rotina do quilombo (HELLER, 1992, p.8).

A falta de assistência jurídica apropriada compromete os direitos de muitos moradores a uma defesa adequada e, conseqüentemente, a um julgamento imparcial no que diz respeito a posses legais de terras. A assistência médica no quilombo hoje varia de insatisfatória a inexistente. Existem casos de recusa deliberada de prestação de cuidados médicos a certos moradores.

A provisão de cuidados a comunidade é inadequada e não está em conformidade com as regras mínimas da ONU para o tratamento de populações quilombolas. Existem poucas diretrizes e procedimentos bem definidos para regular o uso da força e a realização de atendimento as áreas de proteção ambiental na Serra do Evaristo. “A monitoração e a inspeção dos órgãos de preservação tem a influência da política do Estado. (HELLER, 1992, p.56).

Muitas vezes os membros do quilombo sob suspeita de crime ecológico são detidos por períodos demasiadamente longos, enquanto aguardam decisão judicial

nas cadeias públicas do interior do Estado. Todos esses pontos ferem gravemente o artigo 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que diz: “Ninguém será submetido à tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes”. O Estado do Amazonas, que é o mais grave no assunto em questão, adotou, em 1956, uma estratégia abrangente para lidar com a destruição e devastação do meio ambiente.

Sabe-se que medidas como essas adotadas no Estado do Amazonas são paliativas e momentâneas e não estão resolvendo o problema da devastação das matas. A questão da segurança das áreas verdes no Brasil, as condições de saúde das populações negras e indígenas, em que pese sua importância, têm sido abordadas de maneira muitas vezes superficial.

Os que propugnaram pelo recrudescimento dos mecanismos repressivos como forma de resolver a questão do desmatamento e poluição contribuíram para a manutenção da perversa estrutura ambiental existente, gestada para o combate dos movimentos criminosos em nome da ideologia da segurança nacional, a partir do golpe de Estado de 1964 (MELLO, 2010, p.48).

O drama da comunidade quilombola da Serra do Evaristo em Baturité, nos últimos dez anos, mais precisamente de 2000 a 2012, mostra que algo precisa ser feito com urgência. Moradores sem terras para cultivar queimados, falta de água potável são apenas partes do drama enfrentado pelo quilombo.

No próximo capítulo teremos condições de aprofundar essas questões ao falar das teorias e indicadores do processo de desmatamento da biodiversidade da comunidade quilombola da Serra do Evaristo e analisar o cotidiano do quilombo e sua biodiversidade.

1.4 A DIVERSIDADE FUNDIÁRIA NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM O QUILOMBO

Nos estudos antropológicos realizados pelo Paul e Little na obra Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da Territorialidade,

vamos compreender a imensa diversidade sociocultural e fundiária. Isso de certa forma explica as reais dificuldades do conceito de quilombo.

A imensa diversidade sociocultural do Brasil é acompanhada de uma extraordinária diversidade fundiária. As múltiplas sociedades indígenas, cada uma delas com formas próprias de inter-relacionamento com seus respectivos ambientes geográficos, formam um dos núcleos mais importantes dessa diversidade, enquanto as centenas de remanescentes das comunidades de quilombos, espalhadas por todo o território nacional, formam outro nos mostrando que não temos apenas um conceito de quilombo. (Paul, p 02 2002).

No quilombo do Evaristo é fácil perceber as formas próprias e a interrelação da comunidade como meio que o cerca. Todavia, é fácil perceber que isso não mostra ou define em sua totalidade a formação cotidiana do quilombo, pois cada um traz em seu cerne seus aspectos culturais.

Essa diversidade fundiária inclui também as chamadas “terras de preto”, “terras de santo” e as “terras de índio” de que fala Almeida (1989). Ainda, há as distintas formadas por fundiários mantidas pelas comunidades de açorianos, babaçueiros, caboclos, caiçaras, caipiras, campeiros, jangadeiros, pantaneiros, pescadores artesanais, praieiros, sertanejos e varjeiros. (Diegues e Arruda 2001, in Paul, p 02 2002).

Isso nos mostra que não existe uma definição única para essas comunidades que desenvolveram ao longo de suas histórias várias características que podem fugir de sua formação nos estudos antropológicos.

Apesar da territorialidade ter um papel importante na constituição de grupos sociais, nas décadas recentes esse tema tem recebido um tratamento marginal dentro da disciplina da antropologia. Essa marginalidade se explica, em parte, pela apropriação do conceito de territorialidade humana pela etologia, onde é considerado como um instinto animal ao par com outras espécies animais (Ardrey 1966; Malmberg 1980 in: Paul, p 02 2002).

Cada territorialidade tem um papel e aspecto sócio histórico, tentando agrupá-los a suas características. Fica evidente isso no quilombo de Baturité, pois se percebe

claramente as diferenças organizacionais dessa comunidade em relação as outras 65 comunidades existentes em Baturité.

É claro que para antropólogos socioculturais, explicar a conduta humana através da comparação com abelhas ou lobos carece de sentido etnográfico. Pelo lado teórico, como Bateson (1972:39) argumentou convincentemente, o conceito de instinto na ciência funciona como uma espécie de “caixa preta” na qual se estabelece um “acordo convencional entre cientistas para se deixar de explicar um fenômeno determinado”. Outra linha de pesquisa na antropologia busca explicar a territorialidade humana em termos de densidade populacional e limitações de recursos naturais (veja Dyson-Hudson e Smith 1978). O problema dessa abordagem, do ponto de vista apresentado aqui, é que se limita a certos tipos de sociedades de pequena escala e, portanto, não tem muita aplicabilidade aos grandes Estados-nação contemporâneos. (Paul, p 03 2002).

Nenhum aspecto cultural das comunidades remanescentes podem ter apenas uma conduta humana, pois a visão do cotidiano dessas comunidades ultrapassa o conceito de quilombo. Vamos ter vários pontos como as transformações territoriais e a expansão das fronteiras.

As Ondas Históricas de Territorialização no Brasil Colonial e Imperial. As transformações territoriais que a área que hoje é o Brasil sofreu nos últimos séculos estão imbricadas com os incessantes processos de expansão de fronteiras. A história das fronteiras em expansão no Brasil é, necessariamente, uma história territorial, já que a expansão de um grupo social, com sua própria conduta territorial, entra em choque com as territorialidades dos grupos que residem aí. (Paul, p 04 2002).

Nesses contextos, fica claro que a conduta territorial surge quando as terras de um grupo estão sendo invadidas como vem ocorrendo na Serra do Evaristo, numa dinâmica em que, internamente, a defesa do território torna-se um elemento unificador do grupo e, externamente, as pressões exercidas por outros grupos ou pelo governo da sociedade dominante moldam (e às vezes impõem) outras formas territoriais. O Estado-nação Frente à Razão Histórica. Isso pode está acontecendo nas entrelinhas da comunidade da Serra do Evaristo.

No primeiro quarto do século XIX, a entidade política do Estado-nação surgiu nas Américas como uma nova forma de agrupamento social e geográfico, para logo em seguida se converter na forma hegemônica de controle territorial em todo o continente e, depois, no mundo (Anderson 1991). Essa hegemonia chegou a tal ponto que, para a maior parte das ciências sociais contemporâneas, o conceito de territorialidade é diretamente vinculado às práticas territoriais dos Estados-nação e tende a ocultar outros tipos de territórios, como os territórios sociais sob análise aqui. (Paul, p 05 2002).

Todavia, sabemos que os Estados-nação introduziram uma série de particularidades na sua forma de territorialidade que hoje em dia formam parte dessa hegemonia no pensamento territorial. Inicialmente, a ideologia territorial do Estado-nação é vinculada ao fenômeno do nacionalismo, que reivindica um espaço geográfico para o uso exclusivo dos “membros” de sua comunidade nacional. Em segundo lugar, esta ideologia territorial se fundamenta no conceito legal de soberania, que postula a exclusividade do controle de seu território nas mãos do Estado. Isso explica a grande diversidade no Brasil.

1.5 OS REGIMES DE PROPRIEDADE COMUM

Resolvemos abordar essa questão para tentar entender as múltiplas formas de apropriação do território de um grupo, a cosmografia que representa uma peça fundamental na definição e exploração dos recursos naturais. As variadas noções de propriedade que são estabelecidas por um grupo social, funcionam por dentro de um território e se referem às maneiras que os membros de uma sociedade “usam suas regras para organizar seus atos concretos de apropriação na natureza do quilombo.

O regime (ou regimes) de propriedade que existe (m) dentro de um território determinado constitui “uma parte essencial do que chamamos a estrutura econômica de uma sociedade, visto que constituem a condição legal – embora não necessariamente legitimada para todos – que governa o acesso aos recursos e aos meios de produção”. (Paul, p 06 2002).

A razão instrumental frente aos direitos dos povos no início do Século XXI, mesmo reconhecendo a importância do movimento ambientalista e as mudanças que provocou no quadro fundiário do Brasil, a razão instrumental do Estado, com sua noção de soberania exclusiva, é ainda muito expressiva nestes primeiros momentos

do século XXI e existem claros sinais que continuará sendo uma força significativa nos próximos anos.

No caso do Brasil, esta força pode ser vista nas novas tentativas do Estado de exercer controle efetivo sobre o território nacional frente aos avanços nas tecnologias de comunicação mundial, à nova onda de globalização dos mercados e à organização internacional do narcotráfico.

Uma dessas tentativas é o Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM), um programa bilionário que utiliza a alta tecnologia de espionagem para 'vigiar' a Amazônia brasileira de 'cima'. Esse sistema militar pretende manter o controle do que acontece na Amazônia através de informações atualíssimas e geograficamente precisas.

Outro programa, que foi criado sob a supervisão da Secretaria de Assuntos Estratégicos para depois passar pelo Ministério do Meio Ambiente, é o Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE). Neste caso, existe a meta de zonedar todo o território nacional em 20 funções de seus usos mais 'apropriados' em termos técnicos. Houve muitos problemas na implementação do ZEE devido à falta de consideração de assuntos sociais e políticos. (Paul, p 07 2002).

O fato básico que permeia esses problemas – e que representa uma das teses centrais aqui é que os diversos grupos sociais têm interesses, finalidades, histórias e, claro, territorialidades diferentes e, muitas vezes, divergentes, que não podem ser equacionados apelando à técnica.

A vigilância e o ordenamento territorial são tratados pelo Estado como questão militar, de segurança, e não como uma questão de sobrevivência dos povos quilombolas e indígenas que ocupam esses biomas. Tratam-se de políticas de ordenamento territorial de caráter centralizador e autoritário fundamentadas na razão instrumental do Estado e na exclusividade do Estado em tomar decisões sobre essas políticas. (Paul, p 08 2002).

1.6 REPENSANDO O CONCEITO DOS POVOS TRADICIONAIS

Finalmente teremos condições de abordar o conceito de povos tradicionais e analisá-lo à luz das distintas temáticas que foram discutidas neste estudo até aqui. A primeira constatação que precisa ser feita sobre qualquer conceito das Ciências Sociais é se tem fundamento empírico. Neste ponto, insisto na validade de focar a dimensão fundiária e julgar o conceito dentro desse campo.

Acredito que os três elementos analisados dentro do que foi chamado aqui a razão histórica – regime de propriedade comum, sentido de pertencimento a um lugar específico e profundidade histórica da ocupação guardada na memória coletiva – mostram semelhanças importantes quando vistos da ótica do Estado brasileiro e sua divisão entre terras privadas e terras públicas. Ressalto, mais uma vez, que as semelhanças nesse plano não obrigam que nos outros planos da prática sociocultural – religioso, identitário, cosmológico, linguístico, etc. Existam semelhanças. (Paul, p 07 2002).

A demonstração de semelhanças num plano da vida social não tem que valer para outros e, de fato, raras vezes acontece, dada a complexidade sociocultural do mundo contemporâneo. A opção pela palavra ‘tradicional’ gera mais dificuldades ainda, dada à polissemia dessa palavra e a forte tendência de associá-la com concepções de imobilidade histórica e atraso econômico.

A teoria da modernização, por exemplo, prognosticava a inevitável (e desejável) superação da sociedade tradicional. Todavia, nesta análise, a importância dada às constantes mudanças históricas provocadas pelos processos seculares de fronteiras em expansão e aos múltiplos tipos de territórios sociais que produziram, mostra que o uso do termo tradicional aqui refere explicitamente a realidades fundiárias plenamente modernas (e, se quiser, pós modernas) do século XXI. (Paul, p 09 2002).

Assim, o uso do conceito de povos tradicionais procura oferecer um mecanismo analítico capaz de juntar fatores como a existência de regimes de propriedade comum, o sentido de pertencimento a um lugar, a procura de autonomia cultural e práticas adaptativas sustentáveis que os variados grupos sociais mostram na atualidade .

O fato que o termo tem sido incorporado recentemente em instrumentos legais do governo federal brasileiro, tais como a Constituição de 1988 e a Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, reflete essa ressemantização do termo e

demonstra sua atual dimensão política. Em resumo, o conceito de povos tradicionais procura encontrar semelhanças importantes dentro da diversidade fundiária do país, ao mesmo tempo em que se insere no campo das lutas territoriais atuais presentes em todo Brasil. (Paul, p 10 2002).

No próximo capítulo teremos condições quando da análise dos indicadores da comunidade, de perceber através do cotidiano, como a questão da sustentabilidade se faz presente a realidade desses povos.

CAPÍTULO II - TEORIAS E INDICADORES DO PROCESSO DE DESMATAMENTO DA BIODIVERSIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA SERRA DO EVARISTO

2.1 O COTIDIANO DO QUILOMBO E A BIODIVERSIDADE: OLHANDO E DISCUTINDO.

No contexto da atualidade, os povos entenderam que o meio ambiente deixou de ser apenas um elemento a ser explorado vorazmente, e passou a ser visto como elemento indispensável à sobrevivência de nossa espécie e que, por isso mesmo, deve ser conservado e mantido a todo custo, principalmente a sustentabilidade social.

A primeira dimensão é a sustentabilidade social, que deve ser entendida como a construção de um processo de desenvolvimento baseado em outro tipo de crescimento e orientado por uma outra visão do que seja uma sociedade justa. Segundo Sachs, o objetivo principal é construir a civilização do “ser”, onde exista maior igualdade na distribuição do “ter” e da renda, para melhorar os direitos e as condições de amplas massas de população e diminuir a imensa distância entre os padrões de vida de abastados e não-abastados (CORRÊA, P, 56 1995).

Porém, sabemos que muitas são as populações que vivem nas mais diversas áreas de exploração sendo vítimas do descontrole da máquina humana sobre nosso solo e matas. Um exemplo disso, tem sido as comunidades indígenas e quilombolas. É possível desenvolvimento econômico agindo assim?

A segunda é a sustentabilidade econômica, que é possibilitada pela alocação e gestão eficiente de recursos e por um fluxo regular de investimentos públicos e privados. Uma condição básica para isso é a superação de entraves externos, decorrentes de diversos fatores negativos: o ônus do serviço da dívida e do fluxo líquido de recursos financeiros do Sul para o Norte; as relações adversas de troca; as barreiras protecionistas ainda existentes nos países industrializados; as limitações de acesso à ciência e à tecnologia. Para Sanchs (apud CORRÊA, 1995, p. 38)

Esses desafios e preocupações ficam cada vez mais evidentes, basta percebermos as áreas desérticas e as vastas regiões desmatadas em todo o mundo e as constantes catástrofes. Secas devastadoras onde nunca aconteciam; enchentes em áreas de secas tradicionais, invernos rigorosos onde nunca haviam sido sentidos entre outros fatos. Uma verdadeira falta de controle social econômico e cultural de nosso meio ambiente.

A última é a sustentabilidade cultural, que se baseia, segundo Sanchs, na busca das raízes endógenas dos modelos de modernização e dos sistemas integrados de produção rural, concedendo privilégios aos processos de mudança dentro de uma continuidade cultural. A realização do desenvolvimento sustentável deve se dar a partir de uma pluralidade de soluções particulares, que respeitem as peculiaridades dos ecossistemas, das localidades e das culturas (CORRÊA, P 76 1995).

Todavia, sabemos que com a devastação desenfreada provocada pelo homem em alguns recantos do planeta, a diversidade de animais e plantas, a chamada biodiversidade, tende a diminuir ou a desaparecer. O que, sem qualquer sombra de dúvidas, prejudicará a espécie humana muito mais do que a simples perda da beleza dos animais e plantas. Esse fato já vem ocorrendo na serra de Baturité desde os anos 80. Milhares de espécies de animais e plantas desapareceram do quilombo.

Os moradores do quilombo afirmaram que inúmeros remédios e tratamentos para doenças que se baseariam em elementos dessas plantas e animais deixaram de ser encontrados e utilizados; o que pode provocar o adoecimento e até a morte de milhares de pessoas de forma direta e definitiva, não somente na comunidade quilombola, mas, também em toda região, estado e país.

Segundo a agente comunitária de saúde da Serra do Evaristo Z.M os animais como "TEJO" tem em sua banha propriedades anti-

inflamatórias de grande importância para infecções do trato respiratório da faringe e laringe. As raízes de quebra pedra para pedra nos rins, aroeira para inflamações das genitálias, alfavaca para gripes e resfriados. Malvariscos , mastruz, arruda para banhos quase não se usam mais na comunidade em virtude do desaparecimento dessas plantas e animais (ACS, março de 2017).

A sustentabilidade e a manutenção da biodiversidade no quilombo, são as únicas formas de manter-se o uso prolongado e a exploração de recursos naturais com qualidade e de forma a manterem-se intactas as vantagens e benefícios que poderemos tirar desses seres. Para isso, faz-se necessário uma ampla discussão entre a comunidade, estado e autoridades locais e nacionais de forma a trazer de volta todos os aspectos de conservação necessários ao meio ambiente.

Esses aspectos estão relacionados aos limites das áreas de proteção ambiental, as corretas técnicas agrícolas, ao uso correto dos inseticidas, o não uso das queimadas, a construção desenfreada nas áreas de fontes de águas. Tudo isso so seria possível mediante um trabalho de conscientização dos técnicos que trabalham na comunidade e dos próprios moradores.

Um bom começo para ampliar a sustentabilidade florestal seria repensar o papel das florestas na economia e na vida do País, facilitando o plantio para a produção comercial de energia e madeira – principalmente nas áreas de pastagem da Amazônia – e protegendo adequadamente o valioso patrimônio natural. (MARQUES 201 p. 100).

Precisamos urgentemente, evitar a extinção de espécies animais e vegetais inteiras e atuar de forma a perpetuar e garantir a diversidade genética e biológica de nossas áreas de exploração, no entorno do quilombo e serra de Baturité. Isso deve ser inserido como meta primordial e o objetivo máximo a ser alcançado tanto por pessoas quanto por empresas que vivam ou exerçam suas atividades direta ou indiretamente ligadas a essas áreas.

O morador da comunidade diz que orientar os pequenos agricultores pode ser o caminho para a diminuição das queimadas e matança de animais que podem contribuir para a vida de outros animais e o ciclo natural do bioma da fauna e flora. Aos poucos vejo as áreas verdes de nossa serra desaparecer (E.C.S, Abril de 2017).

Garantir a correta reciclagem e o tratamento dos resíduos e dejetos provenientes das criações animais e dos aglomerados humanos na comunidade quilombola é a forma mais eficiente de garantir que os mananciais e os recursos hídricos ainda existentes sejam preservados e possam garantir a capacidade do abastecimento das gerações futuras na serra de Baturité.

Além disso, evitar poluição do solo com efluentes e com produtos oriundos de atividades químicas e pesticidas agrícolas muito comum na região. A conscientização saudável dessas práticas e a garantia do uso racional dos recursos naturais e a manutenção da biodiversidade é tarefa também do estado e dos entes federativos. Os governos municipais, estaduais e federais precisam aplicar penalidades severas aos empresários que vêm contribuindo em larga escala para a destruição das matas e regiões verdes, através da especulação imobiliária.

Todo esse desmatamento que acompanhamos pela televisão em todo o mundo acontece aqui pertinho de nós, tenho medo de que meus filhos e netos não vejam essa comunidade inteira no futuro, pois chegara o dia que a serra do Evaristo não irá suportar os desmandos de nosso povo que nem sei se eles tem culpa de algo. (MORADOR S.A.K, Abril de 2017).

É necessário compreender e entender que as soluções aparentemente isentas de riscos ambientais e geradoras de energia limpa como usinas eólicas, por exemplo, as técnicas de queimadas corretas já aplicadas em áreas como Guaramiranga e Pacoti pode ser uma solução para o nosso quilombo.

Porém, essas medidas não podem ser políticas. Devem surgir como medidas serias para conter a destruição de nossa biodiversidade e sustentabilidade. Esse aspecto histórico se apresenta como o ponto principal para considerar-se a realização de amplos debates e levantamentos ambientais e estudos cuidadosos antes de quaisquer intervenções ou alterações (mesmo as menos significativas) em ambientes onde possam haver algum dano à biodiversidade local e prejuízos a exploração racional dos recursos naturais daquela localidade.

A educação ambiental pode ser uma ferramenta precisa para o alcance e conscientização da comunidade. Fazer uso dos meios de comunicação existentes na

região do maciço também pode contribuir para a diminuição desse processo de exploração no quilombo.

Na educação escolar, a seleção entre os saberes e os materiais culturais tem por meta torná-los efetivamente transmissíveis e assimiláveis. Todavia, outros ecossistemas educativos irão determinar novas formas de produção, reprodução e apropriação do conhecimento. É o caso, por exemplo, dos espaços de educação não-formais e informais, como os museus de ciências, os programas educativos no rádio e na TV e os meios impressos como jornais e revistas. Nesses casos também os saberes científicos são selecionados e passam por processos de reorganização, tornando-os passíveis de sentido para o conjunto dos indivíduos. (SANTOS, 2004, p. 30).

É importante perceber que, para que os conceitos de proteção à biodiversidade e a sustentabilidade no uso dos recursos naturais do planeta se estabeleçam, deve-se antes de qualquer coisa acabar com a miséria e o estado de pobreza extrema em que se encontram uma grande parte da humanidade.

Sem isso, todas as tentativas de se implementar uma forma de exploração econômica ambientalmente viável fracassarão. Pelo simples fato de que, onde há fome; não há raciocínio. Isso pode ter sido um dos aspectos a considerar na serra do Evaristo.

Vivemos num mundo onde o capitalismo governa e as leis de mercado influenciam fortemente a forma como os seres humanos vivem e interagem uns com os outros e com o meio ambiente. Infelizmente, essa filosofia mercantilista prega o lucro pelo lucro e; se deixarmos que assim seja, brevemente o consumo exacerbado e desenfreado de nossos recursos naturais causará uma verdadeira tragédia humanitária de proporções apocalípticas. (SANTOS, 2004, p. 90).

Achar que uma população que esgote seus recursos naturais, pela exploração desenfreada e predatória, ficará inerte e conformada com a morte e aniquilação de sua cultura é, no mínimo, uma inocência pueril. Muito certamente, esses indivíduos promoverão guerras e massacres tentando se apoderar das riquezas e recursos naturais de outros povos e serão responsáveis por mergulharem toda humanidade num caos total e na barbárie.

Para isso, a melhor maneira é a descentralização administrativa dos recursos dos quais dependem as comunidades locais, concedendo-lhes voz ativa sobre o seu uso, através do estímulo às iniciativas dos cidadãos e das organizações populares e do fortalecimento da democracia local. Segundo Ladilau Dowbor, "a comunidade não precisa que o governo a substitua, resolvendo os seus problemas, e sim que sejam dados os instrumentos de transformação" (MELLO, P. 9, 2010).

Talvez isso não ocorra na comunidade quilombola de Baturité de forma severa, mas em muitos momentos históricos da comunidade, já ocorreram protestos em busca de melhoria para a comunidade em tempos atuais como a invasão do Centro Administrativo em 2014 na sede do governo municipal para exigir a construção da estrada de acesso à comunidade.

Olhando simplesmente por este ângulo; vemos claramente que garantir a profusão da biodiversidade e a sustentabilidade no uso dos recursos naturais e no convívio com o meio ambiente; é muito mais que mera política de "bons princípios". É uma questão de sobrevivência do quilombo de Baturité.

Assim, antes de julgarmos o quilombo, devemos ter em mente que esses acontecimentos vão muito além de mera ficção apocalíptica. Ao longo de toda a existência humana, ocorreram diversos casos em que populações que esgotaram todos os recursos naturais de sua região empreenderam guerras de conquista sobre outros povos com a única finalidade de pilhar e apropriarem-se de seus recursos e riquezas. Essa guerra silenciosa ocorre na serra de Baturité quando se sabe das milhares de ações na justiça nos últimos 30 anos com permissões para construir.

Ao lançar mão desses acontecimentos numa escala global, percebemos também que no ritmo em que queimamos e consumimos nossos recursos naturais na serra de Baturité e quilombo, muito em breve será uma realidade palpável em muitas regiões ao redor da comunidade. Percebemos isso quando comparamos as fotos dos anos 60 com as atuais.

2.2 DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS E O MEIO AMBIENTE

É chegada à hora de abandonarmos essa visão de consumo desenfreado e desprezo pelo futuro de nossos filhos e netos. Levando-se em conta também que a nossa região do maciço de Baturité, sofreu alterações climáticas e aumento da temperatura gravíssimas, nas últimas décadas, e que grandes áreas produtivas se encontram hoje sofrendo com secas e enchentes prolongadas e fora do comportamento histórico dessas regiões, qual seria a esperança do povo do quilombo de Baturité?

Em termos de esperança de vida, acesso aos serviços de saúde e de cultura, disponibilidade de locomoção, a desigualdade era menor entre o nível de consumo do rei Sol e as massas camponesas do século XVII do que entre um pobre e um rico no mundo de hoje, independentemente do país onde eles estiverem. No seu atual estágio, que alguns autores denominam de pós-moderno, a sociedade tem uma necessidade bem menor de mão-de-obra industrial em massa e de grandes exércitos. Hoje ela precisa engajar seus membros na condição de consumidores. A norma que a nova sociedade coloca para seus membros é a da capacidade e vontade para desempenhar tal papel (MELLO, P, 45 2007).

Instruir as populações e neste caso ao quilombo a reaproveitarem, a reciclarem e a tratarem corretamente seus resíduos e afluentes, bem como a consumir de forma pensada e inteligente os recursos que a região oferece; poderemos ser capazes de distribuir riquezas e gerar verdadeiramente uma melhoria nos padrões de vida desses agrupamentos humanos. Criando um ciclo positivo de conservação e melhoria de condições gerais de toda a cadeia envolvida nesse processo.

Entender que a utilização dos recursos naturais da serra de Baturité e o crescimento populacional da região deve caminhar lado a lado e que um não é impeditivo para que o outro aconteça, deve ser premissa básica com a qual as novas gerações deverão guiar todos os seus passos e seu envolvimento com a utilização desses recursos naturais. Esse entendimento, já deve ser estimulado desde agora e de forma bem clara exposto como a única forma pela qual a comunidade conseguirá manter suas necessidades sobre a região do maciço de Baturité.

O conceito de “necessidades”, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres do mundo, que devem receber a máxima prioridade; A noção de limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988, p. 46).

O ano de 2010 foi instituído pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2006 como o ano internacional da Biodiversidade. Biodiversidade pode ser definida como a “variabilidade entre os organismos vivos de todas as origens, incluindo os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos nos quais fazem parte; compreende a diversidade dentro de cada espécie, entre as espécies e dos ecossistemas. (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988, p. 78).

De acordo com levantamentos da Convenção sobre a Diversidade Biológica (CBD), órgão da ONU que trata dos problemas, a taxa de perdas de espécies chega a cem vezes à da extinção natural e vem crescendo exponencialmente. Além disso, especialistas estimam que 60% dos ecossistemas do planeta, não são mais capazes de prover os serviços ecológicos dos quais o homem depende, tais como produção de alimentos, água potável e controle do clima. (MUNANGA 2001, p. 30).

O Brasil, que é o primeiro país do mundo em biodiversidade, tem o compromisso de proteger em unidades de conservação (UCs) 30% da Amazônia e 10% de cada um dos outros biomas – Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal, Caatinga e Pampas. Além de ser importante para a regulação climática, a biodiversidade terá um papel fundamental para adaptação dos seres humanos às mudanças climáticas que já são inevitáveis. O próximo capítulo mostra que o cotidiano nas cadeias públicas do maciço é responsável pela maioria dos transtornos mentais desses internos.

Ao longo do tempo as comunidades quilombolas como a da Serra do Evaristo ora estudada se adaptaram ao ambiente, criando mecanismos para sua sobrevivência em consonância com a preservação ambiental. Estas maneiras de conviver permitiu a constituição de uma identidade cultural própria da serra do Evaristo que se diferencia das demais comunidades do município de Baturité.

Precisamos aqui definir comunidade.

O conceito de comunidade aparece e desaparece das reflexões sobre o homem e sociedade em consonância à especificidades do contexto histórico e esse movimento explica a dimensão política do conceito objetivada no confronto entre valores coletivistas e valores

individualistas. Para tanto, comunidade seria tanto um único indivíduo como o agrupamento de pessoas.(MUNANGA2001, p. 69).

Como criaram mecanismos para sua sobrevivência essa população consolidou ao longo da história de Baturité conhecimentos sobre como atuar sobre o meio, quais seus limites e potenciais tudo isso de forma sustentável para permanência dos ecossistemas. Porém, isso se perdeu no tempo. Podendo ser atribuído as necessidades sociais da comunidade.

A relação das comunidades tradicionais com a natureza apresenta uma série de normas e critérios de uso comum da terra, da água, das florestas, da extração e plantio, desenvolvidos no contexto sócio-cultural que tem como base a solidariedade e a partilha. (MUNANGA2001, p. 30).

E justamente o saber-fazer desses grupos permite que a biodiversidade seja mantida. Contudo, se percebe diante de dados estatísticos, informações doutrinárias encontradas no museu de Baturité e repassadas pelos moradores do quilombo que mesmo com o aparecimento cada vez maior das legislações de proteção ambiental as comunidades indígenas e quilombolas vem sofrendo um processo de degradação/destruição por conta do individualismo, globalização, degradação da natureza, sem nenhuma forma de sustentabilidade, e ainda com descumprimento em massa da legislação ambiental.

2.3 DAS MEDIDAS GOVERNAMENTAIS E A SUSTENTABILIDADE DO QUILOMBO DE BATURITÉ.

A III Conferência Mundial sobre o meio ambiente, a Rio + 10, foi sediada na África do Sul em 2002. Naquela oportunidade, houve um plano de implementação que dentre os objetivos maiores estava a mudança dos padrões insustentáveis de consumo e a proteção aos recursos naturais das mais diversas como os quilombolas e indígenas por todo o mundo. O que mudou? Quais medidas foram tomadas e informadas a essas comunidades.

O consumismo nunca é absoluto; sempre ocorre em função de demandas individuais, culturais, coletivas e ambientais. Desse modo, não é fácil precisar se determinada ação de consumo registrou excesso ou foi além das necessidades. Embora parcialmente, pode-se externar um quadro consumista observando os danos ambientais.

Portanto, a mensuração objetiva do consumismo será sempre indicativa ou sugestiva.(MELLO, 2008, p. 65).

Ficou determinado e adotado como medida, a proteção e a promoção do meio ambiente. Ele ganhou especial relevância na atualidade, mas em virtude também do estágio em que se encontra o regime capitalista. Esse regime, como se sabe, trabalha com a ideia de lucro a qualquer preço e com o aumento progressivo do consumo por parte das pessoas. Isso chega a comunidade quilombola da Serra do Evaristo, através da especulação imobiliária em seu entorno. Mesmo com a legislação voltada para as áreas de APA (área de proteção ambiental).

Percebemos na serra de Baturité que de um lado, a ética do lucro a qualquer preço faz com que a proteção do meio ambiente do próprio quilombo, seja apenas um entrave nos negócios de muitos empreendedores que constroem seus condomínios de luxo no maciço de Baturité. Se numa dada região ou país não se pode mais prejudicar o meio ambiente, então que se vá a outro país ou região, em que isso ainda é possível, ainda que por ausência de fiscalização. Infelizmente isso ocorre no maciço de Baturité.

De outro lado, o marketing cada vez mais nos atinge e nos exige um aumento do consumo. “Necessidades” novas são criadas para nossas vidas a cada dia. O crédito para aquisição de produtos é cada vez maior. Tudo a fazer com que consumamos mais, o que gera uma destruição crescente dos recursos naturais. A grande maioria dos empresários e políticos do Estado do Ceará, possuem casas de luxo na serra de Baturité. E como se tem garantido a sustentabilidade?

Não é possível negar que o avanço da ciência e da técnica proporcionou ao homem o poder de transformar uma natureza que lhe apresentava hostil, em um meio capaz de suprir suas principais necessidades, capaz ainda de lhe tornar possível um grande conforto – se este não é irradiado a todos faz parte de uma outra discussão, que também interessa a algumas correntes do movimento ecológico.(MUNANGA2001, 78).

A sustentabilidade vem como próprio princípio da Constituição Federal em vários dispositivos. Faz-se necessário que tal princípio não informe apenas a elaboração de novas normas infraconstitucionais, mas o próprio agir da administração pública, que necessita executar programas e políticas sociais mais preocupadas com

a qualidade de vida e bem-estar humano que é propriamente o desenvolvimento econômico.

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente, reunida em Estocolmo de 5 a 16 de junho de 1972, e, atenta à necessidade de um critério e de princípios comuns que ofereçam aos povos do mundo inspiração e guia para preservar e melhorar o meio ambiente.. (SANTOS, 2004, p. 90).

Por oportuno, cabe registrar que nossa Carta Maior traz tais premissas de sustentabilidade de forma expressa, a exemplo do Art. 225, VII – “Proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam animais a crueldade”.

Assim entendemos que sustentabilidade é “a relação entre os sistemas econômicos humanos dinâmicos e os sistemas ecológicos mais abrangentes, dinâmicos, mas normalmente com mudanças vagarosas, na qual: a) a vida humana possa continuar indefinidamente, b) as individualidades humanas possam florescer, c) a cultura humana possa desenvolver, d) os efeitos das atividades humanas permaneçam dentro de limites a fim de que não destruam a diversidade, complexidade e funções do sistema ecológico de suporte da vida”

A sustentabilidade ambiental em comunidades tradicionais de quilombolas adquire um caráter de extrema importância para o entendimento do desenvolvimento sustentável que se manifesta no cotidiano de comunidades. É necessário compreender que tais comunidades se situam no ambiente socioambiental.

Essas comunidades tradicionais se revelam como imperiosa fonte de estudo, pois a gestão e o uso dos recursos naturais servem de modelo e análise para serem adotados como referências em outros contextos comunitários, inclusive os urbanos, propriamente. Alguns estudos sobre os impactos do desmatamento já se faz presente na serra de Baturité. Onde fica a educação ambiental?

A educação ambiental deve estar fundamentada na ética ambiental. Entende-se por ética ambiental o estudo dos juízos de valor da conduta humana em relação ao meio ambiente. É, em outras palavras, a compreensão que o homem tem da necessidade de preservar ou conservar os recursos naturais essenciais à perpetuação de todas as espécies de vida existentes no planeta Terra. Essa compreensão está

relacionada com a modificação das condições físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, ocasionada pela intervenção de atividades comunitárias e industriais, que pode colocar em risco todas as formas de vida do planeta. O risco de extinção de todas as formas de vida deve ser uma das preocupações do estudo da ética ambiental. (SANTOS, 2004, p. 112).

Essa mesma ética que muitas vezes faltam a especulação imobiliária quando da construção e invasão das áreas das áreas verdes da serra de Baturité

[...] A ética ambiental está amparada pela Constituição Federal, ao consignar que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo e para as presentes e futuras gerações (art. 225, caput, da CF). É o exercício efetivo da cidadania que poderá resolver parte dos grandes problemas ambientais do mundo através da ética transmitida pela educação ambiental. Para se entender as causas da degradação ambiental é necessário compreender os problemas. (SANTOS, 2004, p. 98).

O estudo dessas comunidades tem demonstrado que, se o respeito pelo uso sustentado dos recursos naturais tornarem-se algo compartilhado na comunidade do Evaristo, as chances de êxito de formas de gestão capazes de oferecer uma divisão equânime das riquezas, suficientes para a manutenção da comunidade, tal como previsto na CF/1998.

Uma distribuição mais equitativa da produção gerada e o aumento das margens de sustentabilidade dos recursos. Esse desenvolvimento permite simultaneamente a manutenção das comunidades e do meio ambiente natural, o que gera, com conseguinte, um modelo de desenvolvimento que permite conceber um ambiente não só físico, biológico, mas também social e cultural. (SANTOS, 2004, p. 109).

Essa distribuição é um dos principais desafios da comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, pois um completo meio ambiente necessita de um ambiente físico biológico e também social.

A maneira como tais comunidades desenvolvem seus “modos de fazer” particulares, embora muitas vezes simples, permite atender o uso permanente do conceito de desenvolvimento sustentável alerta para a necessidade de se refletir sobre o desenvolvimento como um processo assegurador de sobrevivência em relativas condições, que permite garantir uma qualidade de vida no tempo e no espaço, o qual perfeitamente suporta a relação que deve existir entre o homem como

membro de uma sociedade, seu desenvolvimento econômico e seu ambiente natural.(SANTOS, 2004, p. 128).

Dessa maneira, a sustentabilidade ambiental, principalmente de comunidades tradicionais como a da Serra do Evaristo em Baturité, desenvolveu-se por meio de comportamentos éticos, nos seus aspectos culturais, mantendo uma preocupação na conservação e preservação da vida e do ambiente.

Contudo, ao revés desse quadro, do mesmo modo que áreas naturais estão sendo dizimadas, a diversidade dessas comunidades está sendo esquecida, até mesmo desaparecendo. E isso pode acontecer com a comunidade quilombola da serra do Evaristo. Tradições estão se perdendo na história, e por disso é necessário que os seus conhecimentos sejam protegidos e conseqüentemente ocorrerá à manutenção dessas comunidades, que já tem previsão legislativa.

2.4 DA ABORDAGEM NORMATIVA NA PROTEÇÃO AMBIENTAL DO ENTORNO DO QUILOMBO DE BATURITÉ.

Um desses diplomas legislativos é a Convenção da Diversidade Biológica que preceitua em seu preâmbulo que a “estreita e tradicional dependência de recursos biológicos de muitas comunidades locais e populações indígenas com estilos de vida tradicionais”. Em seu art. 8º tem-se que os países signatários devem “respeitar, preservar e manter o conhecimento, inovações e práticas das comunidades locais e populações indígenas com estilos de vida tradicionais relevantes à conservação e utilização sustentável da diversidade biológica”,

Além disso, no caso do quilombo de Baturité seria necessário e urgente “incentivar sua mais ampla aplicação com a aprovação e participação dos detentores desse conhecimento, inovações e práticas”, e “encorajar repartição justa e equitativa dos benefícios oriundos da utilização desse conhecimento, inovações e práticas”.

Vale ainda lembrar que a biodiversidade também é protegida pelo ordenamento jurídico em nosso país, tanto das comunidades indígenas como as comunidades quilombolas, essa proteção se encontra disposta na CF que preceitua a proteção as “manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das

de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (art. 215.1º), como também a “diversidade e integridade do patrimônio genético do país” (art. 225.1º, II).

Ainda se tem a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho e a Resolução 1990/27 do Grupo de Trabalho sobre Populações Indígenas criado em 1982 pelo Conselho Econômico e Social da ONU, que reconhece os direitos culturais das comunidades indígenas e garantem proteção à sua diversidade cultural. Essa proteção deve garantir também a qualidade da saúde os moradores.

Os dados colhidos na comunidade através da equipe das equipes da Estratégia de Saúde da Família ESF é preocupante, pois várias patologias estariam relacionadas ao processo de desmatamento. No próximo capítulo teremos condições de abordar essa problemática com base em dados colhidos nas equipes de ESF.

Tabela 01- Relação de doenças crônicas que podem estar relacionadas ao processo de desmatamento das áreas verdes do quilombo de Baturité pelo total de acompanhamentos realizados por ano pela ESF ano Brasil 2016/2017.

DOENÇAS CRÔNICAS	NÚMERO	%
Problemas respiratórios	35	35
Problemas cardíacos	8	8
Problemas gastrointestinais	14	14
Hipertensão	12	12
Diabetes	8	8
Hérnia	1	1
Epilepsia	1	1
Sinusite	4	4

Tuberculose	10	10
Outros	2	2
Não sabe	3	3
Não tem / Não Informados	2	2
Total	100	100

Fonte: Autor

A Tabela 01 extraída do atendimento, visitas e encaminhamentos das equipes da ESF, nos mostra que as queimadas e redução do lençol de águas já gera várias doenças. Os problemas cardíacos presentes podem ser atribuídos a ausência de atividades físicas mas também podem estar relacionadas ao elevado índice de poluição que causa disfunção pulmonar e conseqüentemente problemas cardiovasculares. Os problemas gastrointestinais oriundos da contaminação das águas.

CAPÍTULO III - OS CAMINHOS DA PESQUISA E AS CONSEQUENCIAS DO DESMATAMENTO AO QUILOMBO

“Acabar com a escravidão não nos basta; é preciso destruir a obra da escravidão.” (Joaquim Nabuco).

3.1 DESMATAMENTO DA BIODIVERSIDADE, SUSTENTABILIDADE DO QUILOMBO, QUEM SÃO OS PRINCIPAIS AGENTES DO DESMATAMENTO?

Os dados provenientes do questionário SUAS aplicados na comunidade quilombola da Serra do Evaristo mostram claramente que os principais agentes do desmatamento estão divididos em três fatores: desmatamento para o plantio de

bananeiras, especulação imobiliária dos empresários em seu entorno e a existência das queimadas para o plantio agrícola.

O processo de educação ambiental ausente e a falta das políticas públicas voltadas para o meio ambiente e a aplicação de medidas judiciais severas, são pontos que devem ser levados em conta para esse vasto processo de desmatamento. Se faz necessário em caráter de urgência a criação de leis municipais que possam juntamente com as leis estaduais e federais contribuir para as medidas judiciais que possam eliminar esse mal socioambiental. Para isso, a educação ambiental permanente é o ponto de partida.

3.2 FONTES DE DADOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA SERRA DO EVARISTO: SUSTENTABILIDADE, ESPAÇOS, CONTRADIÇÕES E DEPOIMENTOS.

A pesquisa nos remeteu a vários dados preocupantes para o contexto deste estudo. Os tempos atuais são vistos, como a idade da devastação ambiental, poluição do ar, desmatamento de áreas de proteção ambiental e escassez das águas.

Na Serra do Evaristo estes são os principais fatores relacionados ao desmatamento. Os povos indígenas e quilombolas sofrem em todo território nacional com esta questão. O termo sustentabilidade está nos discursos das várias autoridades. Seriam apenas discursos?

Sustentabilidade seria fruto de um movimento histórico recente que passa a questionar a sociedade industrial enquanto modo de desenvolvimento. Seria o conceito síntese desta sociedade cujo modelo se mostra esgotado. A sustentabilidade pode ser considerada um conceito importado da ecologia, mas cuja operacionalidade ainda precisa ser provada nas sociedades humanas. (SANTOS, 2004, p. 90).

Depois de analisar os dados dos questionários e os arquivos de fotos do museu de Baturité, e fotos retiradas na própria comunidade, a pesquisa comprovou que o quilombo pode ter sua identidade social e até mesmo ter seus aspectos

ambientais alterados nas próximas gerações e ou décadas. A ausência de uma política pública municipal de preservação ambiental, as péssimas condições da comunidade, no que diz respeito a preservação do meio ambiente e de sua sustentabilidade são os fatores principais encontrado na identidade social desses povos.

A identidade social é também uma identidade territorial quando o referente central para a construção desta identidade parte ou transpassa o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela que de uma paisagem como espaço cotidiano, vivido, que simboliza uma comunidade – até um recorte geográfico mais amplo, ou em tese mais abstrato como o Estado nação.(SANTOS, 1996 p.178-179).

Isso tudo estaria associado ao estado exploratório com o ritmo de vida das sociedades industriais, já que do ser humano se exige um comportamento mais competitivo, consumista e violento. Esses autores citados afirmam que a simples existência do homem no mundo atual é um fator preditivo para o surgimento dos desmatamentos e alterações da biodiversidade de comunidades indígenas e quilombolas, estando todos os seres humanos susceptíveis a elas. E esses descontroles são os principais desafios encontrados na comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Acredita-se que muitos levam os resquícios desses desmatamentos em doenças adquiridas no quilombo. Além disso, passa a ocorrer o descontrole da etnicidade do quilombo.

A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural, mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico . (SANTOS, 1996, p. 93).

Todavia, quando se fala de um grupo étnico de comunidades quilombolas embute-se ao seu cotidiano a ânsia da liberdade social traduzida em seu tempo. Assim, a ansiedade é vista como um sentimento útil para a preservação da vida de todos os que ocupam as comunidades quilombolas. E na serra do Evaristo essa realidade não tem sido diferente. Ela é tida como um sinal de alerta que possibilita ao indivíduo uma maior atenção sobre um perigo iminente, para assim poder traçar estratégias adequadas para a sua sustentabilidade e preservação de sua biodiversidade.

No turismo étnico os grupos se deslocam na busca [...] de suas origens étnicas locais e regionais, e também no legado histórico-cultural de sua ascendência comum. Incluem-se aí ainda aqueles que se deslocam com objetivos eminentemente antropológicos para conhecer "in loco" as características étnico-culturais daqueles povos que constituem o interesse de sua observação e da própria dimensão cultural.

A dimensão cultural busca nas raízes endógenas, a diversidade e a pluralidade cultural, pela preservação do patrimônio, dos recursos culturais em respeito aos modelos autóctones. Através da capacidade de autogestão das comunidades locais, participando na tomada de decisões, procura sistemas alternativos de tecnologia e produção. . (SANTOS, 1996, p. 78).

Todavia, esses sistemas alternativos de tecnologias de produção ainda não tem apoio dos entes federativos em seu cerne.

A ausência de condições mínimas de saneamento básico associada a práticas de higiene pessoal e doméstica inadequadas e a falta de acesso a atendimento médico e informações sobre medidas profiláticas são os principais mecanismos de transmissão dos parasitos intestinais na comunidade segundo os profissionais de saúde que referenciam o atendimento em saúde da comunidade. (M.A.T ABRIL DE 2017).

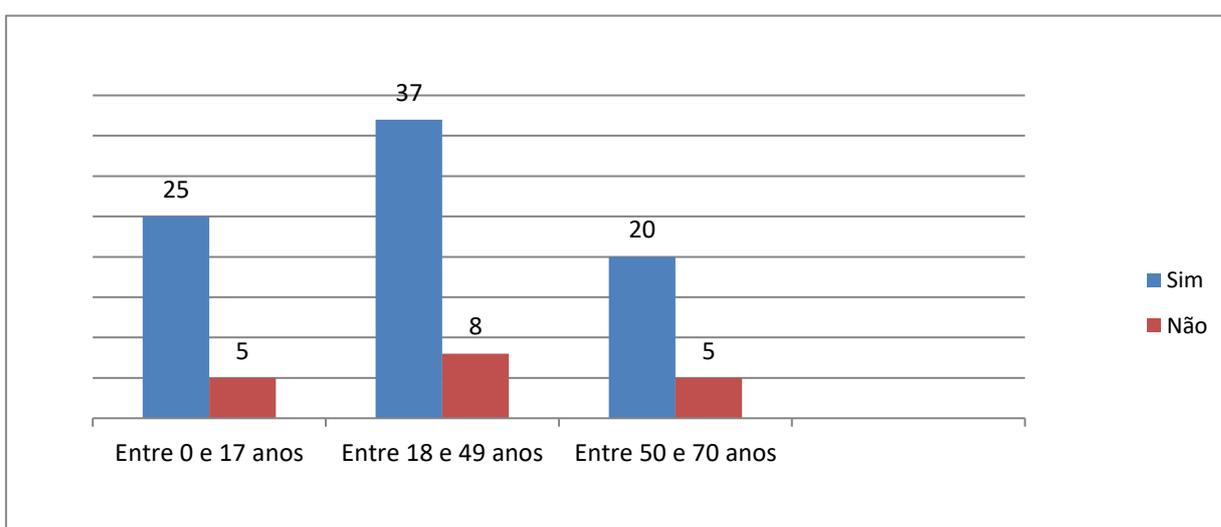
Poucas foram as companhias registradas desenvolvidas na comunidade nos últimos 30 anos capazes de levar informações sobre como prevenir os respectivos desmatamentos do quilombo e de seu entorno e de como estaria a saúde da população negra.

O relatório final da mesa redonda sobre "A Saúde da População Negra", realizada em 1996, sob o patrocínio do Ministério da Saúde (1), refere que a população negra brasileira apresenta uma especificidade genética que a distingue da "de qualquer outra parte do mundo". Isto se deve à miscigenação, no país, de negros procedentes de diferentes regiões da África, em distintas épocas, com características culturais e genéticas próprias. Os bantos correspondem a cerca de 50% a 60% e são originários de regiões situadas ao sul do continente. Os procedentes da baía de Benin representam aproximadamente 40%. Percentagem pouco expressiva corresponde aos que são oriundos da região da Senegâmbia. Esta mistura genética e cultural resultou em uma população diferente da população negra de outros países da América e, inclusive, da própria África.(MANUAL DE DOENÇAS MAIS IMPORTANTES, POR

RAZÕES ÉTNICAS, NA POPULAÇÃO BRASILEIRA AFRO-DESCENDENTE, P. 4 2001).

A saúde dos moradores segundo os profissionais de saúde que atendem no quilombo estariam diretamente associado às doenças e em sua grande maioria.

GRÁFICO 1 - RELAÇÃO DE QUILOMBOLAS QUE CONTRAÍRAM DOENÇAS EM VIRTUDE DO PROCESSO DE DESMATAMENTO



Amostragem dos entrevistados (abril de 2017)

Fonte: Autor.

Percebe-se, no gráfico acima, que a grande maioria de doentes encontrados na comunidade quilombola está na faixa etária de 18 a 49 anos. Isso mostra que a população jovem ativa é mais susceptível a doenças na comunidade em virtude de trabalharem diretamente com as áreas afetadas pelas queimadas e com os agrotóxicos. Esse dado foi confirmado a partir das informações colhidas entre os participantes do estudo e a evolução das fichas de atendimento da Estratégia de Saúde da Família- ESF.

O amplo debate realizado em várias partes do mundo tem realçando a determinação econômica e social da saúde, abrindo caminhos para a busca de uma abordagem positiva nesse campo, onde as ações estejam centradas não no controle das doenças, mas buscando mecanismos de prevenção, a proposta de uma educação ambiental que esteja a serviço da saúde faz parte de um novo modelo de Saúde Pública que se integre a Educação e ao combate a pobreza em comunidades tradicionais. (SANTOS, p; 90 2004).

O quilombola J. L. que trabalhou como agente de saúde da área por três décadas assim relata: “ *no verão das últimas décadas tivemos várias crianças que apresentaram problemas respiratórios relacionados ao processo das queimadas*” (...).

Esse depoimento explica os motivos que levaram índices elevados de adoecimento nessa faixa etária. Os percentuais menores na faixa etária de 49 a 70 anos estão relacionados aos baixos índices de adoecimento nessas idades. A seguir, o gráfico 02 mostra que a grande maioria contrai doenças no período das queimadas.

Populações quilombolas no Brasil enfrentam grandes dificuldades por problemas que são á nível de Estado, fáceis de resolver, portanto uma incapacidade em administrar a vida da população nacional sem dúvidas reflete a comunidade internacional sobre as nossas condições de intermediar as relações econômicas mundiais. O estado do Ceará além de sofrer com as consequências do clima semiárido sofre com a falta de recursos que se reflete claramente quando a discussão se trata de comunidades tradicionais e pior fica a situação quando se trata de comunidades negras, onde se tornam bastante visíveis os reflexos da segregação social pela qual passou o negro no Brasil. Estudos retratando a temática de acesso á água em comunidades quilombolas são quase inexistentes na produção brasileira e mais escassos ainda são os esforços que existem para que a acessibilidade aos recursos hídricos seja de melhor qualidade em comunidades quilombolas. A própria universidade brasileira que segundo Darcy Ribeiro (1995) possui uma dívida histórica com o povo é passível de críticas quanto á sua função social, pois a atenção das Universidades aos problemas de comunidades tradicionais é algo recente na academia científica, sendo esse tipo de pesquisa no âmbito da graduação acadêmica uma discussão ainda muito pouco recorrente nos cursos de Geografia por exemplo. (SANTOS, p. 98, 1996).

A agente de saúde Z.M.S afirma: *em virtude do desmatamento grande parte das plantas medicinais foram extintas possibilitando o aumento do uso de medicamentos químicos.*

Com a crescente modernidade e o avanço desenfreado da tecnologia, surgiram medicamentos e conseqüentemente inúmeras farmácias, levando, portanto, as pessoas a optar cada vez mais pela facilidade com a qual encontra o medicamento levando-as ao esquecimento cada vez mais do poder dos nossos vegetais. Desde o início da civilização, o homem faz uso das plantas, pela necessidade de sobrevivência, levando-o á descoberta de possíveis aplicações terapêuticas de determinadas espécies (SANTOS, P. 90, 2006).

Percebemos que o quilombo tem reduzido o uso das plantas medicinais em virtude do desmatamento. Isso fere os princípios culturais da comunidade.

O Governo Federal tem investido nessas comunidades por meio de várias ações de saneamento ambiental, como a implementação de sistemas de abastecimento de água, sistemas de coleta de esgoto e melhorias sanitárias domiciliares, na tentativa de melhorar a sua qualidade de vida. Porém a implementação dessas obras não garante melhorias imediatas. Faz-se necessária a participação da comunidade, sua conscientização, mudança de hábitos e atitudes, que podem vir também por meio de ações de educação ambiental e em saúde, buscando, assim, garantir efeitos duradouros quanto à melhoria da qualidade de vida, com a redução de situações de risco e de vetores de doenças, a disposição adequada do lixo e a conservação ambiental (SANTOS, P. 90, 2006).

Todavia, sabemos que a modernidade exige dos governos políticas socioambientais capazes de frear o nível de desmatamento e descontrole ambiental. Mas essas políticas públicas ainda não fazem parte da realidade do quilombo e de sua etnia

Entretanto, o conceito de etnia pareceria mais adequado para entender o processo saúde-doença-morte porque, além de incorporar a condição biológica humana, acrescenta os componentes relacionados às condições socioeconômicas e aos aspectos culturais (SANTOS, P. 74 2004).

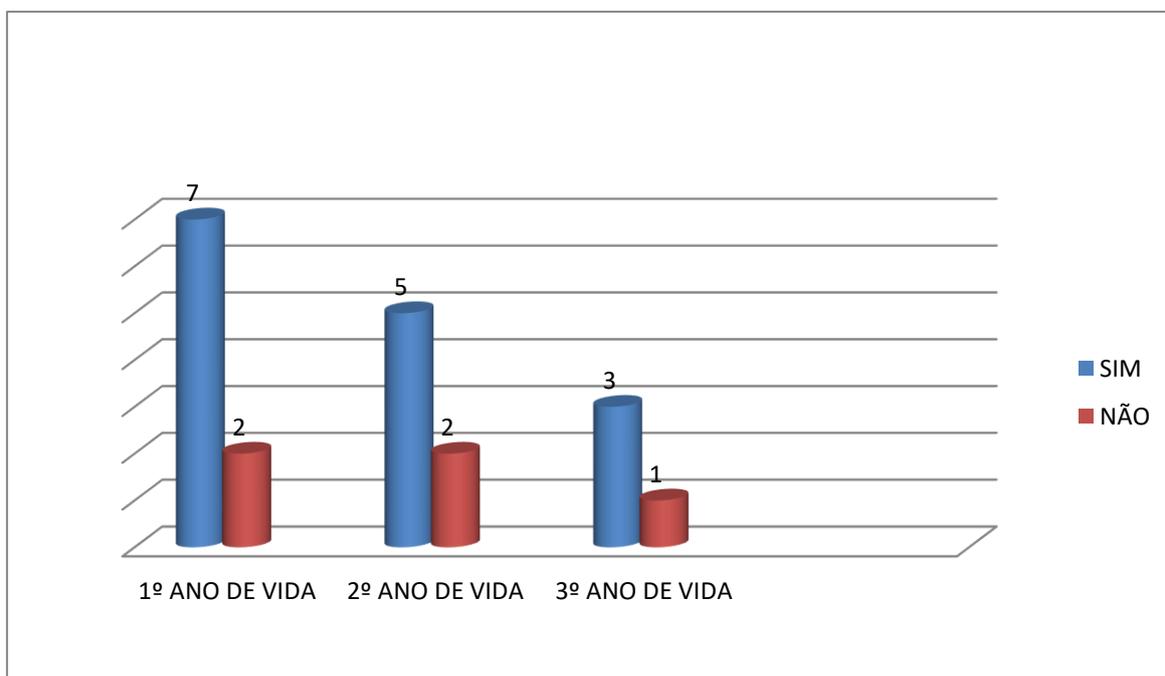
Todavia, sabemos que a principal causa dos desmatamentos está relacionado ao uso incorreto das ferramentas e métodos agrícolas. “A moradora da comunidade assim se expressa: “tenho medo no que pode acontecer em nossa comunidade nas próximas gerações, pois tudo vem se acabando aos poucos em nossa comunidade” (M.A.H).

A preocupação com o meio ambiente se torna efetiva nas sociedades a partir do momento em que os conhecimentos ecológicos encontram-se relacionados aos direitos das pessoas. As comunidades quilombolas que possuem grandes conhecimentos ecológicos mesmo que estes sejam empíricos e embasados no seu cotidiano, essas populações muitas vezes não sabem qual a relação entre os recursos naturais e as políticas públicas que afligem a vida no quilombo. Portanto, essa falta de conhecimento torna-se prejudicial na luta pelos direitos que possuem. Pois nem sempre conseguem os quilombolas através de suas lideranças compreenderem quais as relações de poder existentes entre a gestão do território e o meio ambiente. Mesmo no que se refere à qualidade de vida, os conhecimentos sobre o ambiente natural em que se vive possui grande importância para qualquer comunidade, isso demonstra a importância da implantação de projetos de educação ambiental em

comunidades de quilombos, dentro de uma visão simplista a sociedade tende a acreditar que pessoas que vivem em um contato direto com o ambiente natural possuem plenos conhecimentos sobre como conviver no lugar e as consequências provocadas pelas ações que se pratica a natureza local. (SANTOS, P, 156, 2004).

Essa realidade foi vista de forma permanente no processo histórico do quilombo do Evaristo. Um dos moradores mais antigo da comunidade assim se expressa: “vivemos tempos difíceis em nossa família...Os moradores deixaram de lutar por seus direitos...não sei até onde poderemos ir com tantas dificuldades, queimadas e doenças. “ (F.B.C).

GRÁFICO 2 - RELAÇÃO DE MORADORES QUE CONTRAÍRAM DOENÇAS RESPIRATÓRIAS DO PRIMEIRO AO TERCEIRO ANO DE VIDA



Amostragem dos entrevistados (abril de 2017)
Fonte: Autor.

O gráfico acima mostra que as crianças até três anos são afetadas diretamente por problemas respiratórios na comunidade. Registro realizado com base na catalogação das fichas de atendimento por idade feitas na ESF e relatos dos moradores.

Assim, as áreas atingidas pela poluição do ar podem ter repercussões ambientais, tanto em âmbito local quanto global, pois os fenômenos locais “dizem respeito a problemas de poluição em uma região relativamente pequena, como uma cidade. Os globais envolvem toda a ecosfera, exigindo, portanto, o esforço mundial para enfrentá-lo e controlá-lo” (SANTOS, P 172 1996).

O agricultor da comunidade A.T. que trabalha há 30 anos e vive da agricultura assim relata: “ nosso ar mudou, nossa temperatura aumentou, e nunca vi tantas crianças e idosos com problemas respiratórios (...)”.O depoimento do morador explica as razões do elevado índice de adoecimento na faixa etária da idade estabelecida.

Assim, as áreas atingidas pela poluição do ar podem ter repercussões ambientais, tanto em âmbito local quanto global, pois os fenômenos locais “dizem respeito a problemas de poluição em uma região relativamente pequena, como uma cidade. Os globais envolvem toda a ecosfera, exigindo, portanto, o esforço mundial para enfrentá-lo e controlá-lo”.(SANTOS, 2004, p. 90).

Percebemos várias áreas atingidas pela poluição na Serra do Evaristo que podem se relacionar com as várias patologias respiratórias levantadas nos atendimentos da ESF.

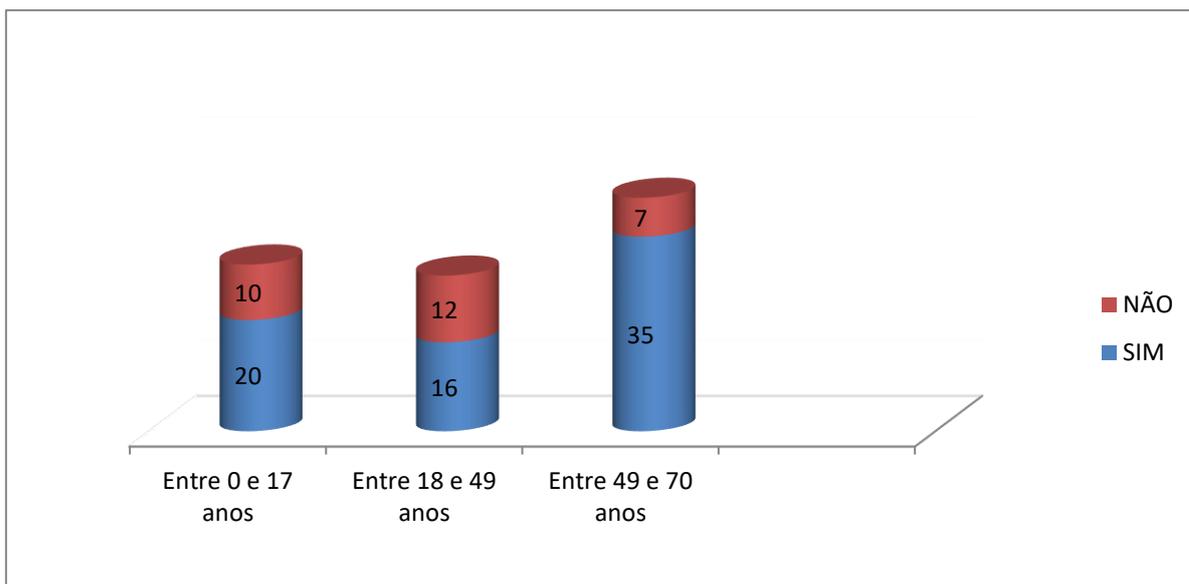
As descobertas feitas pelos cientistas, sobre os efeitos negativos que a poluição do ar causa à saúde do ser humano, trouxeram elementos novos para o estudo sobre o fenômeno da poluição do ar, como por exemplo, o fato de que pessoas expostas constantemente ao ar poluído podem vir a desenvolver determinadas doenças respiratórias, implicando em um quadro de sintomas que afeta vários órgãos, como o nariz e a garganta, potencializando o aparecimento e o aumento de casos de asma e sinusite, quando a poluição atinge os olhos, ocorre uma maior probabilidade de conjuntivite, nos brônquios, a poluição se manifesta com a predisposição à broncopneumonia, nos Pulmões ocorre os riscos de enfisema e no coração, a poluição pode causar o aumento nas doenças cardiovasculares.(SANTOS, 1996, p. 90).

Relatos sobre doenças causadas pela poluição do ar ao homem já foram objeto de investigação de diversos pesquisadores, entre eles o patologista Saldiva que, descreveu alguns dos sintomas causados pela poluição do ar, manifestado através do fenômeno das chuvas ácidas. Para Saldiva. (apud JESUS, 1996, p.146),

no caso das chuvas ácidas, esta “têm efeito cumulativo sobre o organismo, podendo acelerar o desenvolvimento de doenças para aquelas pessoas menos saudáveis”.

Durante todo o percurso para se chegar a comunidade percebemos um verdadeiro processo de substituição de áreas verdes pelas plantações de bananeira, principal produto agrícola da comunidade.

GRÁFICO 3 - RELAÇÃO DE MORADORES QUE CONTRAÍRAM DOENÇAS NA COMUNIDADE APÓS APLICAÇÃO DE PESTICIDAS E USO DE QUEIMADAS



Amostragem dos entrevistados (abril de 2017)

Fonte: Autor.

O gráfico acima mostra que as populações residentes mais tempo e próximas às áreas em desmatamento com idades entre 50 e 70 anos, adoecem com mais frequência.

O morador R. G. diz: Depois de três anos residindo nesse lado da Serra passei a ter mais problemas respiratórios. Passei a sentir dores nas costas e na cabeça. Fiz um exame de RX de tórax e constatee

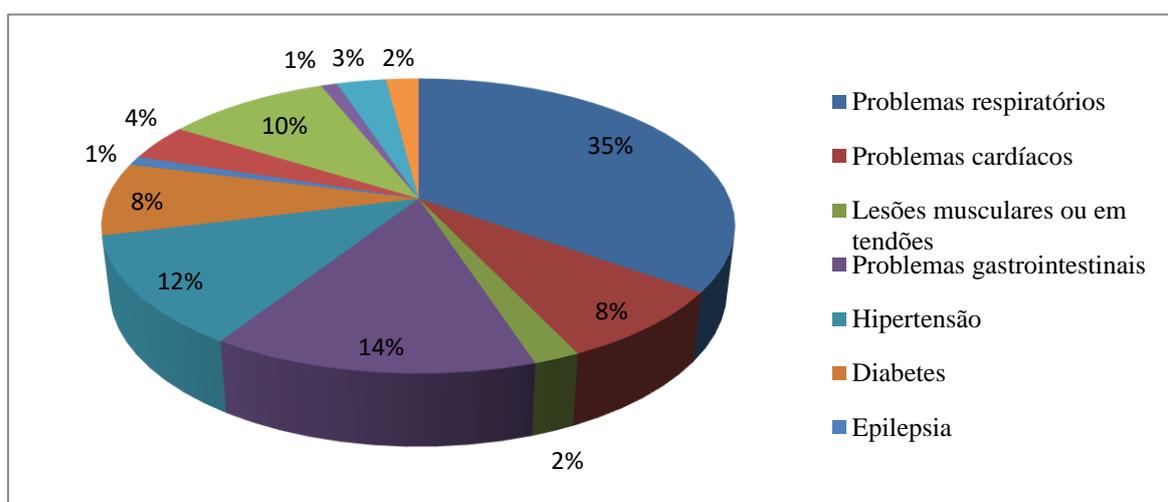
mancha no pulmão direito sem nunca ter fumado. (R. G. MORADOR DA COMUNIDADE MARÇO DE 2017)

O gráfico mostra que os moradores mais antigos por não trabalharem mais nas áreas afetadas pelo desmatamento adoecem menos todavia, apresentam maiores problemas relacionados ao trabalho no meio.

O tema da poluição do ar pode ser encarado como o resultado desse intenso processo de globalização, que ao inserir objetos espaciais para uma maior fluidez do capital, proporciona efeitos negativos ao homem, pois a construção de estradas e rodovias, para a circulação de pessoas e mercadorias, tende a aumentar a frota de veículos circulando por esses espaços, assim como a criação de indústrias para sustentar a crescente demanda de uma sociedade consumista, concorrem para a poluição do ar nas áreas urbanas. (SANTOS, 2004, p. 90).

Na Serra do Evaristo temos o resultado de seu processo de desmatamento atrelado a esse processo de exploração ambiental. O descontrole da plantação de bananeiras já traz mudanças radicais no clima e vegetação da comunidade. A seguir mostram-se as principais doenças encontradas na comunidade que podem estar atreladas ao descontrole ambiental do quilombo de Baturité.

GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO POR TIPOS DE DOENÇAS ENCONTRADAS NA CAMUNIDADE QUILOMBOLA RELACIONADAS AO DESCONTROLE AMBIENTAL



Amostragem dos entrevistados (abril de 2017)

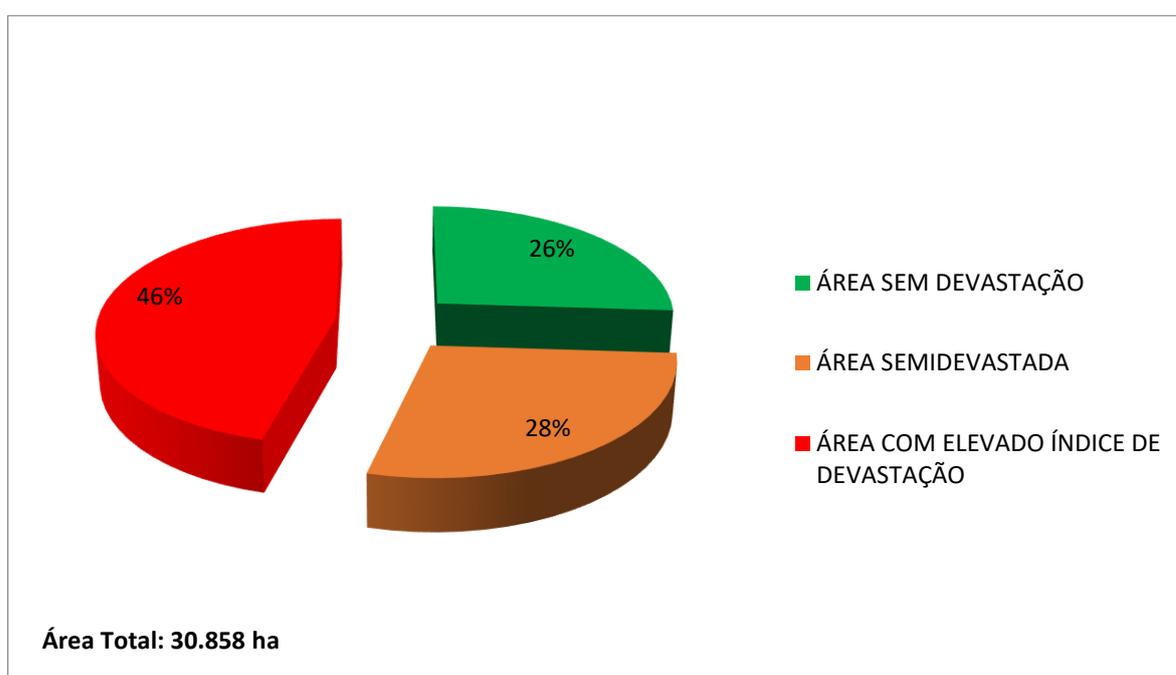
Fonte: Autor.

O gráfico acima apresenta um elevado percentual de doenças gastrointestinais e respiratórias. O morador P. C. assim relata: “posso atribuir isso a contaminação das águas e a elevadas queimadas existentes no entorno do quilombo (...)”.

O tema da poluição do ar pode ser encarado como o resultado desse intenso processo de globalização, que ao inserir objetos espaciais para uma maior fluidez do capital, proporciona efeitos negativos ao homem, pois a construção de estradas e rodovias, para a circulação de pessoas e mercadorias, tende a aumentar a frota de veículos circulando por esses espaços, assim como a criação de indústrias para sustentar a crescente demanda de uma sociedade consumista (1991, p.36),

O morador T. M assim argumenta: “Existem muitos moradores que vivem especificamente da agricultura e trabalham em áreas de grandes altos declives a acíves (...) Isso explica os elevados índices de lesões musculares e de tendões mostrados no gráfico. As demais doenças, segundo a equipe do Programa de Saúde da Família da localidade podem estar relacionadas à contaminação do lençol de águas e pesticidas utilizados na agricultura e contaminação do ar. Catalogamos, para isso, as fichas de atendimento nas quais os diagnósticos dos atendimentos da comunidade para chegar a esse percentual.

GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DE ÁREAS DEVASTADAS



Fonte: Autor abril de 2017.

A área do gráfico com maior elevação foi comprovada com base na catalogação de fotos, imagens do entorno e do próprio quilombo. Contribuíram também as entrevistas relacionadas ao nível de desmatamento das encostas da serra.

No Brasil, um dos mais afetados biomas é o da caatinga – formação vegetal predominante na área da pesquisa, caracterizada pela alta resistência às condições de semiaridez – que, por diversas razões, sobretudo quando associadas, levam à desertificação, que pode chegar a um grau de irreversibilidade. Entre os fatores causadores podem ser mencionados o clima semi-árido, que é o mais propício ao fato, e as ações antrópicas é que definem o quadro. É importante salientar que existem estudos mais atuais e recentes que afirmam o fim do verde de muitas áreas de matas fechadas. (CASTORIADIS, P 87 1991).

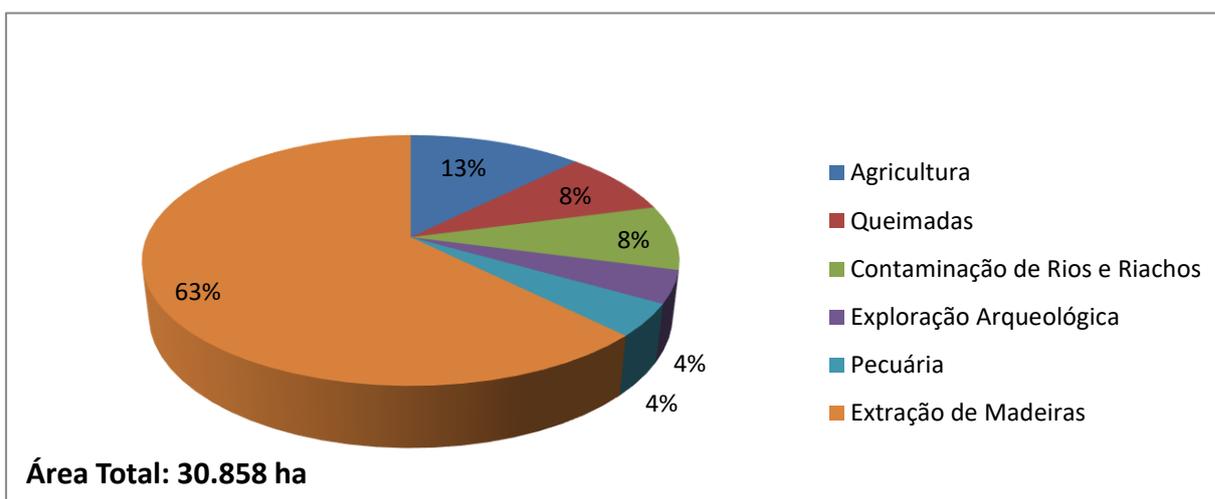
Na serra de Baturité, segundo as pessoas de maior idade da comunidade o desmatamento é preocupante. O mateiro assim afirma: nas últimas três décadas sumiram grande parte das áreas verdes poucos órgão do governo estadual e federal notificaram os responsáveis.

No Estado do Ceará a cobertura vegetal tem sido submetida a constantes intervenções humanas através de desmatamentos e queimadas, contribuindo para a redução do número de algumas espécies da flora local. Em consonância com tais fatos, pesquisas realizadas pela Secretaria de Planejamento e Coordenação do Estado do Ceará – SEPLAN (1994), constataram que apenas 26% do espaço geográfico cearense ainda dispõem de vegetação natural, em contrapartida aos 73% restantes, completamente modificados pela ação humana. Isso vem se estendendo para as serras e maciços como o de Baturité.

A atuação do homem como ser racional e como agente econômico gerador de riquezas, normalmente, ao intervir no ambiente natural, afeta de imediato a cobertura vegetal, retirando-a toda ou parcialmente e inclusive na maior parte das vezes eliminando-a através de queimadas. Isto remete à realidade nordestina, protagonizada durante o seu processo de ocupação, e que perdura até os dias atuais. (CASTORIADIS, p 87 1991).

Na Serra do Evaristo essa atuação tem sido intensa nos últimos 50 anos. Isso vem prejudicando a sobrevivência econômica e social da comunidade quilombola.

GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE DESMATAMENTO ENCONTRADOS NA SERRA DO EVARISTO



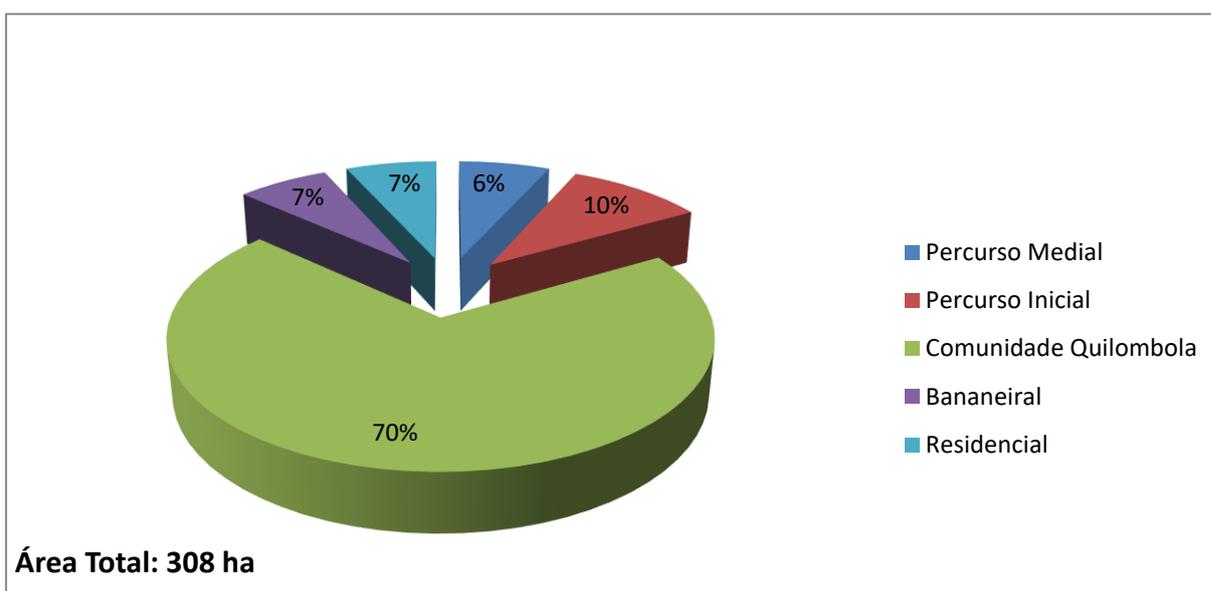
Fonte: Autor abril 2017..

Os dados acima mostram a existência dos vários tipos de agressões ao meio ambiente no quilombo, mostrando os desafios que norteiam a comunidade.

Os estudos realizados, a partir da Análise Ambiental Integrada, não implicam nem demonstram impraticabilidade diante de temas afins, desenvolvidos por Ciências Ambientais, ou as que tratam de temas pertinentes como a Geologia, Pedologia, Geomorfologia, Climatologia, Fitoecologia, Hidrologia, entre outras. Deste modo, a análise ambiental busca, em seu próprio segmento, confrontar, integrar, analisar e sintetizar dados obtidos de estudos realizados nas mais diversas áreas da geociência (CASTORIADIS, p 80 1991).

No Evaristo poucos estudos foram desenvolvidos para a análise climatológica, segundo técnicos da SEMACE.

GRÁFICO 7 – PERCENTUAL DE DESMATAMENTO DO ACESSO A COMUNIDADE QUILOMBOLA



Fonte: Autor. (abril de 2017)

O mateiro C. V. assim relata: “durante anos derrubei árvores e contribui para esse processo de destruição que hoje temos aqui”...Esses dados, por si só, já seriam suficientes para alertar sobre a gravidade do problema.

Ao longo dos anos foram criados alguns programas na área quilombola pelo governo federal, mas suas ações não foram aplicadas da melhor forma. Gerando com isso um descontrole em grande parte dessa comunidade.

O Programa Brasil Quilombola (PBQ), criado pelo Governo Federal (BRASIL, 2004a), como uma política de Estado para

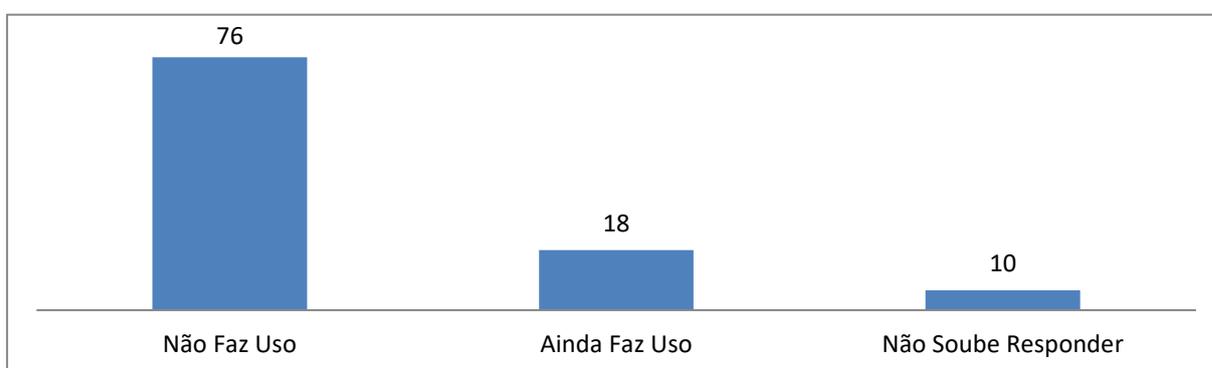
aquelas comunidades, abrangendo um conjunto de ações integradas entre diversos órgãos governamentais. Dentre os projetos e ações propostos para potencializar as ações autônomas estão a melhoria da infraestrutura; saneamento básico; instalação de equipamentos sociais das comunidades; inclusão produtiva; desenvolvimento econômico e social; e fomento ao controle e à participação social dos representantes quilombolas em diferentes instâncias para a garantia dos seus direitos e exercício da cidadania (BRASIL, 2008).

Esse programa, se desenvolvido de forma correta e harmônica em nosso Estado e região, poderia ter evitado o descontrole ambiental das encostas da Serra do Evaristo

A caatinga vem sendo, nos últimos anos, objeto de maior interesse dos pesquisadores, pois sempre foi colocada em segundo plano por ter sido considerada como área de pobreza (e ainda o é). No entanto, a diversidade biológica desse bioma é considerada relevante, o que gerou um estudo onde divide sua área de abrangência em ecorregiões, a citar: Complexo do Campo Maior, Complexo Ibiapaba-Araripe, Depressão Sertaneja Setentrional, Planalto da Borborema, Depressão Sertaneja Meridional, Dunas do São Francisco, Complexo da Chapada da Diamantina e Raso da Catarina (CASTORIADIS, P 75 1991).

Grande parte da serra de Baturité tem apresentado aspectos relacionados à caatinga.

GRÁFICO 8 - USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE



Amostragem dos entrevistados (abril de 2017)

Fonte: Autor.

O gráfico acima nos mostra o percentual de uso das plantas medicinais na comunidade quilombola.

Historicamente, o uso de plantas faz parte da vida da humanidade. O homem, para ampliar seu conhecimento, usou desde a sua pré-história, a intuição e analogia, fazendo assim, um caminho sábio para descobrir a utilidade de cada planta. O uso das espécies vegetais com fins de tratamento e cura de doenças e sintomas, aparece desde o início da civilização, onde o homem despertou para um longo percurso de manuseio dos recursos naturais em seu próprio benefício (CASTORIADIS, p 87, 1991).

Na comunidade, ao longo dos anos, várias plantas medicinais deixaram de ser encontradas. O morador F.J. S assim afirmou: “a medicina popular não existe mais aqui”

A medicina popular e o conhecimento específico sobre o uso de planta, é o resultado de uma série de influências culturais, pois é louvável a persistência desses grupos de manter esses ensinamentos entre seus povos. Vale ressaltar que os 17 medicamentos naturais à base de planta, têm apresentado ao longo da história seus efeitos positivos, com vantagens inegáveis, no tratamento de certas afecções. Até alguns anos atrás a discussão da criatividade intelectual dos povos indígenas e comunidades tradicionais nas Nações Unidas era conduzida sob a denominação de folclore. (CASTORIADIS, p 87, 1991).

Entendemos que o saber popular no uso dessas plantas tem contribuindo para a finalização de vários aspectos culturais importantes no Evaristo.

O saber tradicional hoje muito estudado e usado para beneficiar várias sociedades, ainda se ver alguns atribui aos indígenas e quilombolas a responsabilidade de preservação da diversidade biológica, isso passa a ser uma das responsabilidades da sociedade envolvente de criar mecanismos legais e projetos que possam minimizar esses efeitos. O Primeiro Relatório Nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica -CDB (1998), que define saber tradicional como "um conhecimento a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração, [...] práticas e inovações e não um simples repositório de conhecimentos do passado. É um modo de produzir inovações e transmitir conhecimentos por meio de práticas específicas" (CASTORIADIS, p. 87, 1991).

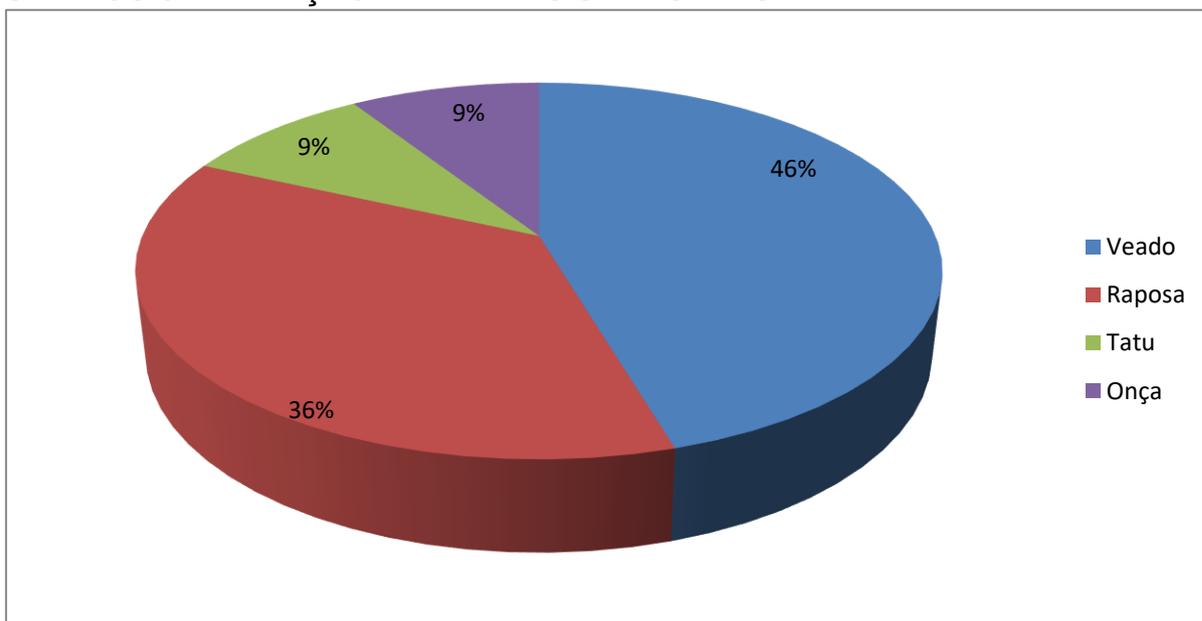
O fim dessas plantas medicinais no Evaristo é fator de risco. Afirmação da equipe da Estratégia de Saúde da Família, pois induz o uso abusivo de antibióticos pela comunidade sem o controle médico especializado.

Há cada década temos marcos importantes nas descobertas de novas plantas e fármacos. Um dos documentos mais em destaque para a história da humanidade sobre o emprego de plantas medicinais é o

“Papiro de Ebers, escrito aproximadamente em 1500 a.C, são 811 prescrições e há 7000 drogas mencionadas” segundo Antunes Junior (2002, p.17). Esse papiro foi encontrado na cidade de Luxor no Egito (CASTORIADIS, P 8 1991).

No quilombo os moradores mais antigos afirmam que a tradição do uso dessas plantas medicinais vem dos primórdios e o desmatamento contribuiu para a sua redução em massa.

GRÁFICO 9 - EXTINÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES



Amostragem dos entrevistados (abril de 2017)
Fonte: Autor.

Com base nessa realidade do gráfico acima, algumas medidas a nível nacional foram tomadas. Todavia, muito pouco aplicado, pois em 2012 foi aprovada a Lei 12.651, que substituiu o Código Florestal de 1965. Esta lei estabeleceu um instituto, que embora não seja novo, foi moldado em nova roupagem prometendo estabelecer um definitivo controle sobre a proteção das florestas e demais formas de vegetação que reveste as terras. O instituto se chamou Cadastro Ambiental Rural – CAR.

A Lei o criou no artigo 29, nos seguintes termos:

(Fca criado) o Cadastro Ambiental Rural - CAR, no âmbito do Sistema Nacional de Informação sobre Meio Ambiente – SINIMA, (como um) registro público eletrônico de âmbito nacional, obrigatório para todos os imóveis rurais, com a finalidade de integrar as informações

ambientais das propriedades e posses rurais, compondo base de dados para controle, monitoramento, planejamento ambiental e econômico e combate ao desmatamento. (Lei 12.651/2012).

Se a referida lei fosse aplicada de forma concreta o quilombo poderia ter suas áreas preservadas evitando-se a extinção de animais importantes para o controle ambiental.

A perda de uma única espécie pode provocar efeitos em todo o ecossistema e cadeia alimentar, já que predadores maiores controlam a população de diversos animais e também influenciam nos ciclos vitais de plantas. Outras graves consequências poderiam afetar a humanidade. Um dos impactos diretos seria a queda na produção de alimentos pela falta de agentes polinizadores. É o caso das abelhas e insetos que estão desaparecendo por causa do uso de inseticidas, principalmente na Europa. Esses animais são responsáveis por cerca de 75% da polinização agrícola do mundo. (BERNARDES, p 98 2006)

Segundo o morador da comunidade que reside desde 1940 muitos animais e plantas silvestres desaparecem da comunidade. Ele assim se expressa: “ vários cantos de pássaros deixaram de existir. Flores e nascentes de agua boa para se beber”...

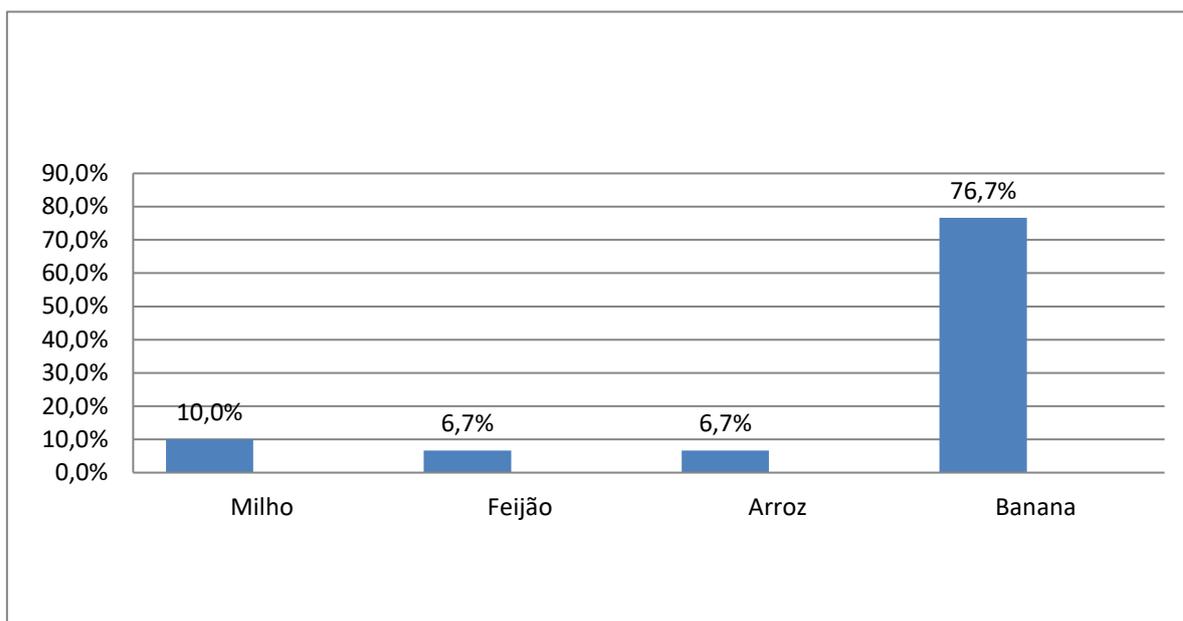
O método de classificação mais aceito no mundo para determinar o risco de extinção foi criado pela organização não-governamental suíça IUCN [sigla inglesa para União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais], em 1963. Ela divide as espécies em sete graus de ameaça: extinta, extinta na natureza, criticamente em perigo, em perigo, vulnerável, quase ameaçada e pouco preocupante. No Ceará, as espécies que se encontram em pior situação são classificadas como criticamente em perigo. São elas: peixe-boi marinho, tartaruga-de-couro, periquito-cara-suja e soldadinho-do-araripe. (BERNARDES, p 2006).

Desses a tartaruga de couro era vista nos anos 60 na comunidade segundo o morador mais antigo. Todavia, desapareceu de forma clara devido a matança desenfreada.

O racismo, o preconceito, a discriminação social e outras diversas situações geraram propostas afirmativas para a difusão da história e da cultura negra, bem como para a inclusão de políticas públicas voltadas para essa população no Brasil (BRASIL, 2004).

Racismo esse mascarado na ausência de programas e projetos que visa fortalecer os vínculos comunitários ainda fragilizados nessas comunidades e repassados de geração a geração.

GRÁFICO 10 - DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DA COMUNIDADE



Amostragem dos entrevistados (abril de 2017)
Fonte: Autor.

O gráfico acima faz uma análise dos principais produtos que ainda são responsáveis pela sobrevivência da permanência na comunidade dos moradores. Além disso, percebermos que a banana se apresenta como a principal responsável, pelo uso exploratório do meio ambiente na comunidade.

Tratar das questões dos quilombolas no Brasil é trazer os problemas que vão das vulnerabilidades à resistência étnica, cultural e histórica de um povo marcado por conflitos e dilemas. Entre os vários problemas, destacam-se: a discriminação racial; pobreza extrema; invasões territoriais; migração para grandes centros urbanos; interferência na cultura, na paisagem e no equilíbrio ambiental; baixo índice de renda domiciliar e emprego informal; precárias condições das habitações, dificuldade de acesso à saúde e à educação, aos bens duráveis e de consumo e à informação; vulnerabilidade alimentar; conflitos institucionais; e invisibilidade da população. (CASTORIADIS, p 87, 1991).

3.3 QUILOMBO: QUE CAMINHOS TOMAR ?

Percebe-se um verdadeiro colapso no campo das populações vulnerabilizadas no que diz respeito aos caminhos que deverão tomar nas próximas gerações para se recuperar o que se perdeu. A comunidade quilombola da Serra do Evaristo pede socorro. Nosso intento foi mostrar aqui apenas parte de um problema que afeta milhares de áreas verdes e comunidades remanescentes em nosso Estado e país.

A defesa das referidas comunidades se constitui a partir da demanda que surge por meio de movimentos e instituições, governamentais ou não, que vêm propondo a inclusão de debates, políticas e legislações, a fim de garantir os direitos humanos dos descendentes de matrizes africanas.(CASTORIADIS, p 8, 1991).

O que temos feito para fortalecer esses debates e a atualização de nossa legislação no que diz respeito aos direitos humanos dos descendentes negros? A região do maciço de Baturité, conhecida historicamente pela grande produção de café no século passado tem sido palco de grandes discussões relacionadas a mudanças de sua fauna e flora. Porém essas mudanças devem ser discutidas e trazidas para a academia, pois a educação transforma vidas e comportamentos.

Historicamente, o esforço de elaborar políticas públicas brasileiras em uma perspectiva social pode ser observado com base em concepções de igualdade. O princípio da igualdade sempre foi descrito nas Constituições brasileiras – desde a época imperial – como a ação de se tratar de forma igual os iguais e de forma desuniforme os desiguais, no sentido de alcançar a equidade. Destarte, a situação social dos negros não melhorou com a República, pois as estatísticas revelam grandes desigualdades acerca da inclusão dos negros libertos na sociedade brasileira. (CASTORIADIS, p 15, 1991).

Essas desigualdades se mostram atreladas a realidade social que se encontram em grande parte nas comunidades quilombolas brasileiras. E em Baturité não seria diferente. Temos um papel fundamental enquanto pesquisadores e educadores. Tarefa essa que pode contribuir para se frear o fim. Precisamos compreender a dinâmica social e cultural desses povos e respeitar sua sociobiodiversidade para garantir as próximas gerações.

A revisão de conceitos sobre os grupos remanescentes de comunidades quilombolas assinala uma visão recente em consonância com o conceito antropológico, que considera as diversas origens e histórias, enfatizando os elementos da identidade cultural e linguística, da continuidade histórica ao longo das gerações e da territorialidade à condição desses grupos, projetando-se como um povo. O quilombo tem um destaque histórico no Brasil, pois remete ao passado de um povo que se rebelou contra o sistema escravocrata, caracterizando-se por uma forma de organização político-social e de identidade étnica traduzida por elementos culturais e religiosos que os distinguem socialmente. Para os quilombolas, a lógica do pertencimento, ainda hoje, contextualiza os processos que deflagram uma relação de diferença às questões do poder, principalmente porque se sabe que quem reivindica uma identidade encontra-se, quase sempre, em condição de subordinação. (BERNARDES, 2006).

Essas populações ainda vivem sufocadas pela fome de oportunidades em várias áreas desse país e estado. É fundamental perceber que os caminhos que deverão ser trilhados nos próximos anos se apresentam como os responsáveis pela sobrevivência do quilombo.

Assim, com base na amostra gráfica, ficou evidente que a comunidade quilombola da Serra do Evaristo pode desaparecer nas próximas gerações. Suas pluralidades e formas de organização podem estar ameaçadas e em poucos anos desaparecer diante dos olhos dos moradores. A responsabilidade social da universidade e dos entes federativos nessa discussão teórica é remetida como algo transformador. Sim, transformar para garantir a sua existência.

De uma pluralidade de tamanhos, formas de organização econômica, política e social, os quilombos funcionavam como peças-chave na resistência negra contra a violência e a opressão do sistema escravista. Neste ponto, alguns historiadores divergem quanto à amplitude do fenômeno do quilombamento, pois alguns o definem como um movimento de resistência individual de escravos fugidos, sem motivação revolucionária, enquanto outros defendem o caráter revolucionário dos quilombos, descrevendo-os como espaços de articulação de ordens sociais paralelas ao sistema vigente. (BERNARDES, 2006).

Ficou evidente na pesquisa que a comunidade vem sentido as mudanças ambientais, mas não possuem consciência sobre os problemas que já estão sofrendo com essa realidade. Mesmo com toda legislação ambiental ainda são poucas a sua

aplicabilidade técnica e jurídica. Não falamos aqui da política pública e ou dos culpados. Não foi essa nossa intenção nessa análise. Falamos aqui de povos que historicamente existem e merecem continuar existindo como homens e mulheres não somente nos preceitos constitucionais.

A promulgação da Constituição de 1988 suscitou a necessidade de melhor definição do conceito “remanescente de quilombo”. Tal interpretação passa a ter grande importância, uma vez que determinará quais grupos sociais terão direito à regularização de suas terras com base no artigo 68. (BERNARDES, p 2006).

FOTO 1 – IMAGEM VISTA DE CIMA MOSTRANDO O NÍVEL DE DESMATAMENTO NA REGIÃO QUILOMBOLA



Fonte: Autor abril 2017.

Percebemos claramente na imagem que o lençol de águas no entorno da comunidade é cercado de grandes áreas desmatadas. Sendo o único lençol de água encontrado nas intermediações da comunidade. Ficou claro os riscos de desaparecimento do quilombo.

O agricultor A.T.B assim se expressa quando vê as imagens: “não sabemos mais o que fazer para evitar o desmatamento em nossa comunidade, já pensei em ir embora daqui para não ver o fim disso tudo” (...).

O que poderia ser feito nesse sentido para frear o descontrole ambiental no quilombo? O apoio sistemático na agricultura família nos parecer ser o caminho. Discursões essas que vêm se fortalecendo no município, região e Estado. O Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável CMDS de Baturité, vem tecendo propostas no sentido de encontrar soluções para a problemática da região, mais de forma muito tímida.

Este tipo de abordagem originou discussões sobre uma agricultura sustentável e sua relação com a eficácia dos serviços prestados pelos agentes de desenvolvimento junto ao agricultor. Uma forma de agricultura que incorporasse processos biológicos, minimizando o uso de inputs externos não renováveis e que encorajasse a plena participação principalmente do cliente na resolução dos problemas, garantindo o acesso mais equitativo aos seus direitos, com pleno uso do conhecimento local, diversificação do sistema de produção e incremento da autoconfiança entre os agricultores. (BERNARDES, p 2006).

FOTO 2 – SERRA DO EVARISTO VISTA DE CIMA



FONTE: Autor janeiro de 2017

Vendo as fotos, fica claro o medo da comunidade quando eles dizem que a serra do Evaristo pode ser deserta no futuro. O proprietário de um dos maiores sítios da serra argumenta: “coloquei essas terras a venda porque a plantação de bananeiras não é suficiente para garantir a renda do sitio”.

A adoção de uma inovação tecnológica pelo agricultor, de uma forma geral, reflete em seu modo de vida, inclusive na forma como este irá administrar os recursos naturais presentes em sua propriedade e no entorno, de maneira a assegurar o bom funcionamento do seu estabelecimento, com boa produtividade e de forma perene. (BERNARDES, 2006).

Portanto, podemos afirmar com segurança depois dessa análise que aplicar as técnicas agrícolas e fazer uso das tecnologias sustentáveis é o caminho para o fim da exploração do quilombo de Baturité. Mostrar ao agricultor e a todos os moradores do quilombo que existem técnicas que preservam a vida de nossa fauna e flora. O uso desenfreado dos agrotóxicos, queimadas, derrubadas das árvores para a plantação de bananeira deve ser modificada. Sabemos que grande parte disso está atrelado ao capitalismo e ao agronegócio.

A submissão do Brasil à economia capitalista está por trás da destruição do meio ambiente. A demanda cada vez maior por matérias primas provocou a expansão da exploração da mineração e das monoculturas de soja, cana de açúcar, eucaliptos etc. O agronegócio avançou por todo o Cerrado e agora se expande para a Amazônia e Ceará. Esse avanço fez com que o Brasil se tornasse o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Por aqui, é permitida a utilização até dos agrotóxicos que foram banidos em outros países. O resultado é a contaminação dos alimentos, da água e do solo por substâncias químicas maléficas à saúde humana. ((BERNARDES, 2006).

Eliminar as queimadas, através do uso de metodologias alternativas pode contribuir para diminuição dos danos.

A queimada pode até facilitar a limpeza do terreno, eliminando restos de cultura; reduzindo a incidência de pragas, de doenças, de gastos com mão-de-obra e redução dos custos de produção. Porém diminui a disponibilidade de nutrientes no solo e, conseqüentemente, a sua capacidade produtiva.(REIS; GOMES, 1996; ANJOS; CYPRIANO, 2006).

Em seguida envolver os vários profissionais e autoridades que lidam com o meio ambiente. Mostrar aos responsáveis que ainda é possível preservar o quilombo e fazer o uso correto de sua fauna e flora.

CAPITULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa na comunidade quilombola da Serra do Evaristo foi desenvolvida dentro de uma realidade dura. A lógica mais elementar deixa transparente essa evidência, essa verdade apoteótica: as últimas décadas da comunidade do Evaristo registram índices preocupantes de desmatamentos e descontrole ambiental.

Muitas queixas são ouvidas dos ambientalistas. A primeira é de que existe a necessidade urgente de promover uma modificação profunda da legislação processual penal no que diz respeito à exploração de terras indígenas e quilombolas. De fato, sabe-se que existe, porém não se pode permanecer passivo diante da ineficácia das leis antigas, atribuindo-lhes o mesmo significado que os antepassados deram a elas quando da sua edição.

Confirma-se aqui que nenhum código de conduta garante a sustentabilidade e biodiversidade de uma sociedade. Essa massa de povos excluídos esquecidos e refugiados parece ter peregrinado por caminhos semelhantes ao longo dos séculos. A história das instituições explica esse tradicionalismo às avessas.

É preciso, e necessário, se tomar decisões, adotar medidas corajosas que favoreçam o fim da exploração desenfreada dos diversos quilombos existentes em nosso país, estado e região. Isso pode impedir que a comunidade do Evaristo sofra mais consequências.

É necessário trabalhar, sem trégua e sem demora, na remoção dos rastros da exploração e devastação de nossa fauna, flora, cultura quilombola e na “edificação de um legítimo estado de direito ao meio ambiente”, que seja sólido e ao mesmo tempo permeável a preservação ambiental; que não seja proibido participar nem discordar, nem contestar os direitos sociais e até mesmo a cor da pele. Que os gritos dos pobres e dos quilombos refugiados em matas, possam ser ouvidos sem preconceitos, indiferença e insegurança.

A pesquisa evidencia que a devastação, degradação e desestruturação do ambiente verde da Serra do Evaristo não eliminam as esperanças e os anseios de liberdade e saúde do quilombo. A distância, a separação e a saudade dos que foram obrigados a sair de suas terras, além do sofrimento vivido por eles, aumentam as amarguras da alma, o desespero e a revolta. Mas, devolve um pouco da esperança perdida no verde que ainda existe na comunidade. Eles falam de seus familiares que foram obrigados a deixar o quilombo para trabalhar fora do Estado, da saudade do lar, e vivem amargurados e envergonhados por viverem épocas difíceis no quilombo.

Esta pesquisa correspondeu ao esperado, pois comprovou a existência de áreas desmatadas, doenças silenciosas relacionadas à destruição da fauna e da flora do quilombo. Visualizou-se um mundo fechado e aberto às várias doenças relacionadas ao descontrole ambiental. Todavia, possível de soluções, pois as saídas estão nas entrelinhas das leis ambientais brasileiras, bastando apenas sua correta análise e interpretação.

Portanto, se há um desafio na contemporaneidade ele se chama preservação do meio ambiente. Avança-se em quase todos os aspectos tecnológicos e científicos da vida, porém se recua diante da triste história da preservação da cultura de vários povos indígenas e quilombolas por todo o país. As doenças ambientais são o resultado desse fracasso. Isso mostra a incapacidade do sistema, uma vez que a mentalidade dos homens ainda não está preparada para o “poder conservar”.

É necessário e urgente que as autoridades brasileiras tenham atenção com os relatórios dos órgãos nacionais e internacionais dos direitos ambientais, dando total apoio às suas recomendações em relação às comunidades quilombolas, apresentados pelas convenções e pactos federativos diante dos principais eventos sobre o meio ambiente ocorridos pelo mundo.

Isso poderia contribuir para a eliminação de tais práticas no contexto nacional. Todos os governos, federais, estaduais e municipais, devem ter como meta de gestão a prevenção e o combate a todas as formas de devastação ambiental.

A ideia de trabalhar este tema foi contribuir, mesmo que modestamente, para o debate no meio acadêmico. Espera-se que outros estudos sejam feitos sobre o tema, com discussões mais profundas enfocando outros aspectos desta temática, para que se possa caminhar em busca de soluções.

Para este estudo, recorreu-se à bibliotecas, arquivos, jornais, revistas, internet, professores e autoridades, para simplesmente entender que a pobreza política e social é tamanha que vive em latões de lixo oprimida no subúrbio. O resultado de tudo isso se acompanha da janela, em silêncio, por trás de grades e muros que reprimem os diversos povos em suas trilhas de vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. (1991a). A prisão sob a ótica de seus protagonistas. *Tempo Social*. São Paulo, 3(1-2)..

ALTIERI, M. A. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2004. P, 110.

BATURITÉ. Prefeitura Municipal. (2014). Arquivos da Prefeitura Municipal de Baturité Lote 108/2017. Lote 1 e 2.

BERNARDES, R. H. O conhecimento tradicional quilombola e suas interações com uso dos recursos ambientais na Reserva Extrativista do Quilombo Frechal, município de Mirinzal - MA. Dissertação (Mestrado em Agroecologia). Universidade Estadual do Maranhão. São Luís. 2006. p 97.

_____. (1999). *A Era dos Direitos*. 2a. ed. Campinas, São Paulo, Cortez.

BOFF, L. (2000). *A águia e a galinha, uma metáfora da condição humana*. 34a. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

BRANDÃO, C. R. (1984). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense.

PAUL E. LEITE, *Território Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Brasília 2002.

_____. (1984). *Participar-Pesquisar*. In: _____. *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense.

BRANT, V. C. (Coord.). (1989). *São Paulo: trabalhar e viver*. São Paulo: Brasiliense, Comissão de Justiça e Paz

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial. 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Monitoramento e Avaliação na Política Nacional de Humanização na Rede de Atenção e Gestão dos SUS: Manual com eixos avaliativos e indicadores de referência. Brasília. Editora do Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Memória do Incra 35 anos. Alberto Marques. Antonio Fernando Mattza. Antonio Francutti...[et al]. Brasília: MDA: INCRA, 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Guia de políticas sociais quilombolas: serviços do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília; 2009

BRASIL. (1990). *Direitos Humanos: Instrumentos Internacionais Documentos Diversos*. Subsecretaria de Edições Técnicas; Brasília: Senado Federal.

BRASIL. (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

_____. (1992). Tereza Pires do Rio. A Escultura do Outro. *Revista do Arquivo Municipal*, 200.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial. 1988.

CARNEIRO, E. O Quilombo dos Palmares. / Edison Carneiro. São Paulo. Ed. Nacional, 1988. 4ª ed.

CASTORIADIS, C. (1991). *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 3a. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CASTRO, M. M. P. (1995). Ciranda do Medo ,*Revista da USP*, São Paulo. 120: 57-94.

CASTRO, R. O de. (1999). *Direitos Humanos: conquista e desafios*. Brasília: Letraviva.

CEDEFES. Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI – História e resistência / organizado por Centro de Documentação Elóy Ferreira da Silva. – Belo Horizonte: Autêntica/CEDEFES, 2008.

CORRÊA R L, 1995. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: Geografia: *Conceitos e Temas* (I. E. Castro & P. C. G. Costa), p.15-48; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

COSTA. J. B.A. Cultura, Natureza e Populações Tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. Revista Verde Grande, Montes Claros, 2005.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. (1948). São Paulo Cortez .

DEMO, P. (1984). *Pesquisa Participante: mito e realidade*. Rio de Janeiro: SENAC.

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. Brasília: Embrapa: 1999. 412p.

FIABANI, Adelmir, Mato palhaço e pilão: o quilombo da escravidão as comunidades remanescentes (1532-2004) 1 ed. São Paulo, expressão popular 2005.

FREIRE, P. (1978). *Ação cultural como para a liberdade*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1989). *Educação como Prática da Liberdade*. 9a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HELLER, A. (1992). *O Cotidiano e a História*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (IBGE). (2000)IBGE.

JAMESON, F. (1997). *As Sementes do Tempo*. São Paulo: Ática.

LEFF E, 2001. Saber Ambiental – sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

LEITE IB. Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnog.* 2000; p 354

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade. Brasília, DF, 2002

LOPES, Camilo Antônio Silva. Os sertões norte mineiros: fronteiras e identidades politizadas que afirmam a diversidade sociocultural do Norte de Minas. 119 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros, 2010.

LOPES, Odvaldo. Os impactos sócio-econômicos das ações do DNOCS no polígono das secas. Montes Claros, MG, 1993.

MARQUES, Amaro Sérgio. População quilombola no Norte de Minas Gerais: invisibilidade, desigualdades e negação de acesso ao sistema público de saúde. *BIS, Bol. Inst. Saúde (Impr.)*, São Paulo, v. 12, n. 2, ago. 2010.

MELLO MM. Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola. *Mana*2010;15(2):585-603.

MOURA, C. Os Quilombos e a Rebelião Negra. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1986. 5ªed.

MUNANGA K. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. *Soc. e Cult.* 2001;4(2):31-43.

NASCIMENTO A. O quilombo: vida, problemas e aspiração. São Paulo: ed. 34, 2003.

NETTO PAULO, J. & Carvalho, M. C. B. (1996). *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez.

RAICHELIS, R. (1988). *A prática do serviço social nas instituições*. São Paulo: Cortez.

REIS, J. J; GOMES, F. S. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 470 p.

RODRIGUES, L. R. A casa veredeira e os processos sociais nas comunidades Gigante e Fonseca-Botumirm/MG. In: V Encontro Regional dos Povos do Cerrado, 2009, Pirapora. Anais do V Encontro Regional dos Povos do Cerrado, 2009.

SADER, E. (1988). *Quando novas personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SANTOS M, 1996. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. *Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec.

SANTOS RV, Maio MC. Qual “retrato do Brasil”? Raça, biologia, identidades e política na era da genômica. *Mana* 2004;10(1):61-95.

SILVA, J. A. (1968). *Aplicabilidade das Normas Constitucionais*, São Paulo Cortez.

TEXEIRA, F. J. S. (1995). Pensando com Marx: uma leitura crítica comentada de O Capital. São Paulo, Paz e Terra.

THOMPSON, E. P. (1981). *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros*. Rio de Janeiro, Cortez.

TOLEDO, F. A. (ANO). *Crimes Hediondos, Fascículos de Ciências Penais*, Porto Alegre: Sérgio Fabris, editor, 5-59, n.2.

TURNER, V. (1974). *O processo ritual (estrutura e ante-estrutura)*. Petrópolis: Vozes.

ZALUAR, A. (1994). *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2a. ed. São Paulo: Brasiliense.

